

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CAMPUS: ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CINE TEATRO ÉDEN DE PARNAÍBA: cinema, cotidiano e representação.
(1920 – 1940)

Parnaíba – Piauí

2016

CINE TEATRO ÉDEN DE PARNAÍBA: cinema, cotidiano e representação.
(1920 – 1940)

Monografia apresentada como exigência para
a obtenção de Certificado de Conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em História pela
Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Orientadora: Ivanilda Sá Quixaba Ferreira

Parnaíba – Piauí

2016



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA



**ATA DA SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA DO CURSO DE
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

Aos Trez dias de Setembro de 2016 no Campus Alexandre Alves de Oliveira, reuniu-se em sessão pública a Banca Examinadora da Monografia intitulada: Line Tristão Eden de Parnaíba: Cinema, Cotidiano e Representação (1920-1940)

de autoria do concludente Italo Ramos de Sousa

A Banca Examinadora foi constituída pelos professores:

João Carlos de Furtos Borges (Examinador)
Mary Angélica Costa Tomimbo (Examinador) e
Vanilda Sá Azevedo Ferreira (Orientador/ Presidente). Às

10:10 a sessão foi aberta pelo senhor presidente que deu início aos trabalhos convidando o candidato a fazer breve exposição sobre a Monografia em julgamento, concedendo-lhe para isto o tempo máximo de 30 (trinta) minutos. Findada a exposição o presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora. Após a arguição dos mesmos, o concludente voltou a tomar a palavra para responder as questões formuladas e logo em seguida foi a vez do orientador se manifestar sobre o trabalho. A seguir a Banca Examinadora retirou-se a fim de analisar e decidir sobre a Monografia apresentada. Retornando, o presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a Monografia Aprovada (aprovada ou reprovada) com nota 9,5. O presidente, então, congratulando-se com o candidato e agradecendo a presença e todos, encerrou a sessão às 11:40. E, para constar foi lavrada a presente ATA que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Parnaíba, 03 de Setembro de 2016

Vanilda Sá Azevedo Ferreira
Presidente da Banca Examinadora

[Assinatura]
Examinador

Mary Angélica Costa Tomimbo
Examinador

Yuri Holanda da Nóbrega
Mat. 281029-8 - Port. nº
Coord. do Curso de Lic. Plena em
Campus UESPI Parnaíba

S725c

Sousa, Itallo Ramos de.
Cine Teatro Éden de Parnaíba: cinema, cotidiano e
representação./Itallo Ramos de Sousa- Parnaíba: UESPI, 2016.
77f.

Orientador: Prof(ª) Esp. Ivanilda Sá Quixaba Ferreira
Monografia (Curso Licenciatura em História) – Universidade
Estadual do Piauí, 2016.

1. Parnaíba2. Cinema3. Cotidiano4. Representação I. Ferreira,
Ivanilda Sá Quixaba II. Universidade Estadual do Piauí III.
Título

ITALLO RAMOS DE SOUSA

CINE TEATRO ÉDEN DE PARNAÍBA: cinema, cotidiano e representação.

(1920 – 1940)

Monografia apresentada à Banca Examinadora do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em História

Orientadora: Prof^ª Ivanilda Sá Quixaba Ferreira.

Aprovado pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

ORIENTADORA

Prof^ª Esp. Ivanilda Sá Quixaba Ferreira
Universidade Estadual do Piauí

EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª. Mary Angélica Costa Tourinho
Universidade Estadual do Piauí

EXAMINADOR

Prof^º MsC. João Carlos de Freitas Borges
Universidade Estadual do Piauí

Parnaíba (PI), 03 de Setembro de 2016

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o contexto da cidade de Parnaíba – PI nas décadas de 1920 a 1940, onde nesse período mudanças aconteceram em detrimento de um favorável momento econômico da classe comerciante local, envolvida com o extrativismo vegetal, na qual exportavam e importavam produtos de vários lugares. O impacto dessa economia na cidade, na formação e urbanização de certos espaços pertencentes à cidade “moderna”, assim como a cidade “paralela” que não se encontra na rota do desenvolvimento. Diante desse panorama da época, o cinema, mas precisamente o Cine Teatro Éden, é construído como um dos locais de representação da “modernidade” almejada pela elite local, ao mesmo tempo em que penetra e torna-se parte integrante do cotidiano de uma parcela de parnaibanos como um lugar de diferentes significados e de diferentes sujeitos que desenvolvem sociabilidades e, através dessas particularidades desenvolvidas naquele espaço pode ser feita a leitura do cenário social da época. Também analiso a influência que esse cinema desempenhou em relação à sociedade, seja no modo de se vestir, de comportar-se e na utilização de produtos e artigos, observando o cinema no seu aspecto comercial paralelo ao contexto da cidade na época, identificando tais características através de algumas produções apresentadas nas telonas do Éden. O cinema apresenta-se como um local de aspirações e inspirações, em que lugar e sociedade dialogam.

Palavras chave: Parnaíba, cinema, cotidiano, representação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the context of the city of Parnaíba - PI in the decades from 1920 to 1940, where in this period changes have occurred at the expense of a favorable economic climate of the local merchant class, involved in the extraction plant, in which exported and imported products. Many places. Observe the impact of the economy in the city, training and urbanization of certain spaces belonging to the city "modern", as well as the city "parallel" that is not in the development route. Against this background of the time, the cinema, but precisely the Cine Teatro Eden, is constructed as one of the representative sites of "modernity" desired by the local elite, while that penetrates and becomes part of the parnaibanos everyday as a place different meanings and different subjects who develop sociability and through these characteristics can be developed that space is read social setting of the time. Also analyze the influence that film played in relation to society, either in the dressing way to behave and use of products and articles, watching the film in its commercial aspect parallel to the city context at the time, identifying those characteristics through some productions presented on the big screen of Eden. The film presents itself as a place of aspirations and inspirations, in that place and society dialogue.

Keywords: Parnaíba, cinema, everyday, representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A Casa Inglesa e Booth Line e Co.1930.	20
Figura 2 – Roland Jacob	21
Figura 3 – Indústria e Comércio Moraes S/A, fundada em 1947.....	22
Figura 4 – Praça da Graça década de 1930.....	24
Figura 5 – Prédios do entorno da Praça da Graça, meados da década de 1930.....	26
Figura 6 – Asfaltamento da Avenida Getúlio Vargas, final da década de 1930.....	28
Figura 7 – Lavadeiras no cais do Porto Salgado meados do início da década de 1940.	28
Figura 8 – Palacete do Cine Teatro Éden, meados da década de 1930.	41
Figura 9 – Prédio do Cine Teatro Éden depois da reforma, final da década de 1930	42
Figura 10 – na Rua Marechal Deodoro meados do final da década de 1920.	45
Figura 11 – Kathryn Carver, atriz das décadas de 1920 e 1930	64
Figura 12 – Professora Normalista de Parnaíba final da década de 1920.	65
Figura 13 – Mulheres da elite parnaibana em umbaile no cassino 24 de janeiro.....	67
Figura 14 – Sessão de vendas e vitrines, Odilio Neves e João Batista de Campos.....	68
Figura 15 – Chanchada da Atlântida Cinematográfica meados da década de 1940.....	70
Figura 16 – Palhaço Carlito personagem de comédia norte americano.	70
Figura 17 – Anuncio referente à venda de artigos de luxo importados.....	71
Figura 18 – Representação do cowboy apresentado por um ator norte americano.	72
Figura 19 – Anuncio da venda de cigarros importados de luxo Paramount.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.0 CENÁRIO CIDADINO: RELAÇÕES DE ESPAÇO, SIMBOLISMOS E MUTAÇÕES	14
1.1 As cidades e suas metamorfoses	14
1.2 A cidade de Parnaíba	18
2.0 O CINEMA E SUA RELAÇÃO COM O PANORAMA SÓCIO/ECONÔMICO DE PARNAÍBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	35
2.1 O desenvolvimento da cinematografia.....	35
2.2 O cinema no cotidiano dos parnaibanos.....	39
2.3 O cinema como cultura de massa.....	47
3.0 CINE TEATRO ÉDEN, ESPAÇO CULTURAL	55
3.1 Cine Teatro: projeções e apresentações.	55
3.2 O Éden no campo das representações	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de pesquisas feitas sobre Parnaíba, cidade localizada no litoral do Piauí, onde visou analisar a chegada do cinema, e o impacto no aspecto social observando o cotidiano, sociabilidades e demais relações que permearam o contexto das décadas de 1920 a 1940.

Parnaíba viveu uma economia expressiva na época supracitada, resultante do extrativismo vegetal na qual exportavam os produtos para diversos países. A partir disso, uma série de mudanças ocorreram e o cinema, assim como outros espaços, foi introduzido no cenário parnaibano. Sobre essa economia Queiroz nos fala:

[...] a exploração da maniçoba teve início num momento crítico da economia do Piauí. Do ponto de vista do governo representava a oportunidade de, pela via de fortalecimento econômico, garantir autonomia e estabilidade políticas [...] As atividades de extração e cultivo da borracha de maniçoba afetaram de forma direta ou indireta, a vida das populações das áreas produtoras [...] como, por exemplo; crescimento populacional e movimento comercial [...] em centros urbanos como Parnaíba [...]. (QUEIROZ, 1984, p.118-119).

As atividades econômicas como podemos perceber na fala da autora, influenciaram de forma contundente na formação e organização da cidade. A cidade é um campo aberto para diversas relações, sejam quais forem nela se cria e estabelecem-se normas, definições, paradigmas, sujeitos sociais e segregações espaciais. A cidade de Parnaíba não foge a esse panorama, pois espaços são legitimados a partir da função social e papel desempenhado por cada sujeito onde isso irá refletir nos espaços a serem ocupados por cada um deles, e a cidade de Parnaíba é um *locus* de pesquisa para identificarmos essas relações.

Esse período da cidade escolhido para desenvolver as pesquisas, é marcado por uma série de modificações nos cenários urbano, social, econômico e espacial, pois o contraste entre diferentes localidades da cidade era bem expressivo. As disparidades advindas dos atributos financeiros eram muito visíveis, advinda da formação de uma elite constituída principalmente pelo comércio e extrativismo vegetal, no qual ditava valores e marcava os espaços como forma de legitimação. E o cinema assim como outros espaços, serve para que possamos observar tais articulações.

Analiso a influência que o cinema teve na população parnaibana em meados da primeira metade do século XX, mais precisamente no final da década de vinte e até início de 1940. Período esse em que os anseios comerciais estavam diretamente moldando aspectos do cotidiano parnaibano, e o cinema apresenta-se como local de entretenimento e demarcação social, além do seu potencial comercial, em que divulga modos de vestir-se, apresenta o automóvel, impõe hábitos tais como o de fumar, o de consumir objetos e artigos dos mais variados, inclinando-se para a elite precisamente esses e outros aspectos.

Amelhoria da infraestrutura da cidade era a todo instante vista como uma “necessidade” para o progresso e modernização, esse período de exportações de produtos advindos da exploração vegetal aumentava os lucros dos grandes comerciantes que se instalaram na cidade. Com isso as casas comerciais existentes importavam e vendiam os produtos para as regiões circunvizinhas. Então podemos observar que a economia, através dos representantes e investidores da produção e do comércio local, influenciaram diretamente na formação dos espaços, centralizando tais representações de poder, através de uma infraestrutura “necessária” tal como o banco, sobre os telégrafos, Estrada de Ferro Central do Piauí, casas comerciais, grandes “palacetes”, clube, e claro o cinema, lugares esses que movimentaram o econômico e o social da cidade, sobre essas questões:

As atividades econômicas desenvolvidas em Parnaíba a partir de produtos vindos do sertão ditaram a necessidade de uma infraestrutura para o progresso do Piauí. [...] A classe dos comerciantes de Parnaíba tomou caráter de líder incentivador de várias lutas incluindo as que visavam melhorias na infraestrutura [...] lutas travadas ao longo deste período entre os comerciantes e as autoridades locais para conseguir obras e projetos públicos condizentes com o desenvolvimento almejado para a cidade. (MOTTA, 2010, p. 179).

Com uma burguesia assídua por modificações estruturais, por consequência disso vários lugares foram criados, seja de lazer, entretenimento, culturais, que passaram a fazer parte do cotidiano dos parnaibanos na década de 1920, tais como o Cassino 24 de Janeiro, o cine Pio IX, e o Cine Teatro Éden, construído para entreter e movimentar as noites e o imaginário da população. A inserção do cinema, assim como outras casas e locais, modifica direta e indiretamente o comportamento, as relações sociais, o cotidiano em si. Isso se dá a partir da força com que às produções, os códigos e simbolismos constituídos a partir desse espaço, irão impactar os sujeitos. “[...] no que dizem respeito à arquitetura, os sucessos

comerciais tiveram um efeito social marcante, revelando um exuberante ecletismo que revestiu fachadas, determinou espaços habitacionais e públicos.” (MOTTA, 2010).

Para desenvolver tais análises me utilizo de fontes documentais, tais como almanaques e jornais da época, das referências dos memorialistas, e também de literatos. Cada uma delas foram cruciais para a fundamentação e embasamento de informações articuladas na pesquisa. Cada uma com sua especificidade e característica própria. E através de relatos em forma de prosa, poemas, críticas, lembranças, comemorações, se torna possível identificar espaços e sociabilidades da Parnaíba daquele contexto. As fontes narrativas tais como os memorialistas e a literatura, portam de testemunhos e pontos de vista de seus narradores, na qual cabe ao pesquisador identificá-las, pois elas são fontes historiográficas relevantes para a pesquisa, como podemos observar na fala da autora:

A utilização de fontes caracterizadas como literárias ou portadoras de literalidade, ocorre por formas múltiplas, pela própria abertura, também múltipla dos significados [...] desde a literatura de viagens, aos romances, crônicas, poemas, ensaios... que possam cada qual com suas características específicas, ao dizer do passado no presente e projetar futuros, a temporalidade, portanto, constitui apoio para o que denominamos conhecimento histórico. (CAMILOTTI e NAXARA, 2009, p.40).

Do mesmo modo, os memorialistas também possuem características específicas, tais como suas referências e a memória, na qual projetam sua visão sobre determinada temporalidade e contexto de forma a contribuir concisamente para a produção historiográfica. Os literatos e memorialistas locais relatam sua infância e a memória de seus antepassados nas ruas de Parnaíba na década de trinta do século XX, e através disso pode ser feita uma análise do contexto da época. A memória dos antigos moradores locais observados através de relatos, personagens “ilustres” e acontecimentos, que muito ajudarão a identificar o panorama em que a cidade passava, entre outras características.

Em meio às características da cidade, o cinema se articula como “figura” importante no contexto de Parnaíba, onde podemos observar a sua relação com a cidade e o cotidiano nos relatos de memória dos diferentes sujeitos da época. Poemas, memorialistas, jornais e demais fontes que discorrem sobre análises e identificação da cidade, agora com presença e participação do cinema, na qual se constitui segundo NORA (1993) como “lugares de memória”, que em Parnaíba são construídos e simbolicamente definidos. Agora o cinema passa a fazer parte das práticas sociais e do cotidiano dos parnaibanos.

[...] o Cine Teatro Édén [...] se configurou como local de encontros, lazer e desentediamento; mais do que isso, ele aos poucos foi se tornando um ponto estratégico para a observação da vida social da cidade. Nele, o espetáculo não estava restrito apenas a telona, mas se estendia ao próprio ritual que precedia a exibição de película. [...] o cinema foi se tornando um lugar de atualização, de aprendizado e de ostentação pública. [...] Esse ritual que precedia ou sucedia a exibição do filme era acompanhado por toda uma performance por parte do público que, de detalhes como o vestuário, o silêncio no interior do recinto, a própria divisão dos espectadores por hierarquia social, marcaram o caráter elitista do espetáculo. (SILVA, 2012, p.41)

Como podemos observar na citação anterior, o Cine Édén é um lugar com qual através dele podemos perceber sutilmente a engrenagem social da época. O impacto que o cinema teve em muitas sociedades, influenciando gostos, impondo modelos de estética e comportamento e mostrando culturas distintas, o tornou uma ferramenta de massa, por se expandir rapidamente e atingir um grande número de pessoas, durante os capítulos. Para a pesquisa irei abordar o impacto dessa cultura, como também o aspecto comercial do cinema, tendo como foco a cidade de Parnaíba e em especial o Cine Teatro Édén.

No primeiro momento, o capítulo I, analiso o campo de pesquisa que é a cidade, os espaços, as representações e simbolismos que preenchem esse cenário. Na sequência chegando à cidade de Parnaíba nas décadas de 1920 a 1940, observando a mudança estrutural do lugar e as segregações, assim como a relação que a economia teve na formação e organização dos espaços e conseqüentemente na conjuntura social.

No segundo momento, no capítulo II, indagarei sobre o desenvolvimento das técnicas com imagens, discorrendo sobre a evolução das práticas cinematográficas. Posteriormente destacarei a presença dos primeiros traços e representações cinematográficas na cidade de Parnaíba, até a construção do Cine Teatro Édén onde o cinema começa a ser parte integrante do cotidiano da cidade. Analisarei a participação do cinema na dinâmica social da época. E por último discorro sobre o alcance do cinema, a utilização dessa ferramenta, o cinema de massa que apresenta culturas, influência na formação de mentalidades e impõe modelos.

No terceiro e último capítulo, são feitas análises a respeito do Cine Teatro Édén, a relação do palacete com a cidade, aspectos do cotidiano de sessões do Édén, analisar as relações que ocorriam nesse lugar-espaco. Observar o Cine Édén e suas representações onde a telona vai apresentar influenciara para um estilo de vida “moderno”, no qual o espectador consome produtos e serviços, associando diretamente à estrutura econômica de Parnaíba na

época marcada pelas casas e representantes comerciais que importavam e exportavam produtos de outros países.

Muitos desses elementos desenvolvidos na pesquisa irão clarear certos aspectos da cidade de Parnaíba, identificar o contexto social e econômico da mesma. E essas características serão articuladas juntamente com o cinema, Cine Teatro Éden, na qual se insere no cotidiano da cidade, e fez parte da vida de muitos parnaibanos levando cultura, lazer, entretenimento e as várias formas de relação/significados/representações daquele espaço com a cidade e a sociedade.

1. CENÁRIO CIDADINO: RELAÇÕES DE ESPAÇO, SIMBOLISMOS E MUTAÇÕES.

Nesta parte do trabalho, desenvolverei os conceitos de cidade segundo Ítalo Calvino, analisando este lugar como espaço articulador de muitas mudanças, representações, identificação, entre algumas outras indagações. Busca-se identificar as múltiplas relações ocorridas nesse lugar, e a pluralidade de indivíduos que ocupam seus respectivos “espaços”, utilizando uma ótica de pertencimento e legitimação, que é o que os afirma ou segrega. Esse campo que é a cidade é um palco no qual, sua estrutura e seus atores estão intrinsicamente ligados.

Esse *locus* de pesquisa sofre mutações das mais variáveis seja na sua conjuntura urbana, espacial ou social. O intuito do pesquisador é analisá-las de forma a que o objeto fale com os atores sociais, utilizando uma perspectiva de identidade dos espaços formados dentro desse campo de estudo que é a cidade.

1.1 As cidades e suas metamorfoses

A cidade é um campo de estudo muito vasto, muitas são as possibilidades de análise sobre seus muitos processos e construções históricas sejam no âmbito econômico, social, político, estrutural como também urbano. Esse espaço é fundamentalmente marcado por disputas e atritos culturais, ideológicos. Uns lugares de muitas sociabilidades, que hora se divergem, hora comunicam-se entre si nos mais variados contornos.

A cidade como *lócus* de pesquisa, vem sendo trabalhada por diversas áreas do conhecimento tais como a arquitetura, ciências sociais, geografia, antropologia como também a história, sendo que cada área tem sua especificidade e direcionamento a respeito de suas análises. São pesquisas sobre o viés estético, urbanístico, demográfico, econômico, espacial e social. Esses são alguns elementos que intrigam os pesquisadores e conseqüentemente marcam as produções.

Para falar melhor da cidade e suas muitas referências me utilizo de CALVINO (1972), na sua obra *Cidades Invisíveis*, na qual indaga sobre a formação e construção das cidades, seus personagens como também sua relação espacial. A respeito dessas indagações

sobre a cidade como centro das análises ele nos fala: “A cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” e ainda completa nos falando que:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes e esfoladuras. (CALVINO, 1972, p.07).

Calvino ao abordar as representações simbólicas que a cidade constrói ao longo de suas mutações e muitos personagens, indaga que a cidade é viva e nos fala a sua própria história através das suas características;

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, [...] não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1972, p.09).

Nas cidades muitos símbolos são construídos, assim como referências e desejos a respeito da cidade ideal para cada sujeito pondo em foco a ótica da sua cidade ideal, porém, ao longo de seu desenvolvimento em geral a cidade vai ganhando dimensões e proporções que estão para além do controle e desejo de cada sujeito, na qual, a cidade se torna viva e ganha novos elementos e representações. A respeito dessa relação da cidade ideal Calvino, ao fazer análises de uma das suas cidades invisíveis, discorre sobre essas discussões:

São as formas que a cidade teria podido tomar se por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma que antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje já não passava de um brinquedo numa esfera de vidro. E ainda completa: “Assim dizem alguns se confirma a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade SM figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares”. (CALVINO, 1972, p.16-17).

A cidade como campo de pesquisa é um palco de acontecimentos diversos, na sua construção, no que faço referência à constituição material e imaterial. É um lugar em que o passado tem referência no presente para que se possa construir um futuro, esses tempos estão

intrinsecamente ligados, como diz PESAVENTO (2005): “uma cidade, pois, inventa seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente”. E ainda sobre esses enlaces POLLAK nos diz:

A referencia ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. [...] a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada onde grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (POLLAK, 1989, p.09).

Esse lugar de constante mutação, a cidade o passado e presente fazem parte da sua trajetória. Essas temporalidades servem de moldes ou bases para constituir um futuro. A contemporaneidade trouxe consigo respectivas alterações nas conjunturas citadinas, onde nesse contexto “moderno” as cidades entram em um emaranhado global de referências e interferências diretas. Sobre isso BAUMAN (2009) discorre a respeito da referência local e global:

As cidades contemporâneas são os campos de batalha nos quais os poderes globais e os sentidos e identidades tenazmente locais se encontram, se confrontam e lutam, tentando chegar a uma solução satisfatória ou pelo menos aceitável para esse conflito: um modo de convivência [...] e ainda completa; Aconteça o que acontecer a uma cidade no curso da sua história, e por mais radicais que sejam as mudanças em sua estrutura e seu aspecto no decorrer dos anos e séculos, há um traço que permanece constante: a cidade é um espaço que os estrangeiros existem e se movem em estreito contato. (BAUMAN, 2009, p.13)

O papel do historiador ou como observador sensível às percepções de mudanças nos vários mecanismos, sejam eles sociais, urbanos ou políticos, revela aspectos que fazem parte do conjunto de características que permeiam esse lugar vivo que é a cidade. A vertente “tradicional”- “Moderna” misturam-se, ao mesmo tempo em que se repelem, em um jogo de posições e aspirações:

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência ambivalente. Ela atrai e afasta; mas a situação do cidadão torna-se mais complexa por que são os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e há mesmo tempo, ou alternadamente, repelem. [...] A vida urbana é intrínseca e irremediavelmente ambivalente. Quanto maior e mais heterogênea for à cidade, maiores serão os atrativos que pode oferecer. (BAUMAN, 2009, p.19).

Ao falar de cidade, um ponto muito importante para o pesquisador historiador, é o campo das representações, pois muito se pode construir, a partir dessas referências. O lugar e suas temporalidades, a interpretação dessas referências deve ser observada com muita cautela para que discursos de pertencimentos, assim como o imaginário coletivo não prejudique as representações individuais acerca das suas referências, do participar, ser, pertencer, no tempo e no espaço. Falando das representações sociais, CHARTIER nos fala:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, evidencia-se o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p.17).

O campo das representações tem muita relevância no que concernem as pesquisas sobre cidade onde através das disputas sociais e do poder dos discursos, como podemos observar na fala de CHARTIER (2002) anteriormente. O pesquisador precisa estar atento quanto às análises desse campo vasto de constantes transformações e complexidades que é a cidade, sendo necessário impor a importância do seu conhecimento científico, bem como sua sensibilidade em relação às percepções. Levantar questionamentos, hipóteses, indagar sobre outras referências e vies de pesquisa e sobre o impacto em que a economia mundial teve sobre a formação, organização social-urbana em que as cidades desenvolveram:

Mais ou menos do mundo inteiro, começam a se evidenciar nas cidades, certas zonas, certos espaços, - fortemente correlacionados a outros espaços “de valor” , situados nas paisagens urbanas, na nação ou em outros países, mesmo a distância enormes - nos quais, por outro lado, se percebe muitas vezes uma tangível e crescente sensação de afastamento em relação às localidades e às pessoas fisicamente vizinhas, mas social e concomitantemente distantes. (BAUMAN, 2009, p.20).

Enfim, muitas são as vertentes para se analisar e entre elas, no contexto da cidade, mudanças sociais, atores sociais, representações, temporalidades, relação espacial, construções e discursos acerca da cidade como referência. Todas essas percepções fazem parte do conjunto de paradigmas e concepções que marcam/marcaram esse lugar, fazendonecessário um aprofundamento de toda essa dinâmica que movimenta e da vida a cidade, e é nesse momento que a história, como várias outras ciências, entram como campo fundamental para o desenvolvimento das discussões.

1.2 A cidade de Parnaíba

A economia do Piauí, nas primeiras décadas do século XX, despontou satisfatoriamente através da exploração da borracha de maniçoba, e posteriormente com a cera da carnaúba. O Piauí vivia uma espécie de transição de ciclos econômicos, no qual, com o enfraquecimento da carne de charque, o extrativismo tornou-se uma espécie de saída para a economia local. As exportações estavam em uma crescente, escoando produtos para outros estados e países através de portos comoo Porto Salgado (Porto das Barcas), o de Tutóia e de Amarração (Luís Correia).

Pelo porto fluvial chegavam e saíam os produtos da pauta de exportação do Piauí que participavam do comércio mundial – a principio os produtos da pecuária, o charque, couros, peles, gado para corte; depois produtos agrícolas como algodão e arroz, seguidos pelos produtos de extrativismo vegetal – a borracha de maniçoba, a cera de carnaúba e o coco babaçu [...] o porto fluvial das Barcas funcionava como centro de recebimento e distribuição das mercadorias vindas das cidades ribeirinhas, localizadas ao longo do rio Parnaíba, mas necessitava, para complementar a cadeia comercial, nacional e internacional, de uma interligação marítima. Essa interligação se dava ora por Amarração, ora por Tutóia. (MOTTA, 2010, p.114).

As práticas de exportação e importação que se sucediam no Porto Salgado, agora Porto das Barcas, alavancou a economia e assim promoveu uma elitecomercial local. Esse grupo instalava novos ares de “progresso” para a cidade, criando assim instituições no começo do século XX, que gerenciavam o capital que circulava em Parnaíba na época, advindo das casas comerciais e indústrias, como por exemplo, a Associação Comercial de

Parnaíba¹ (ACP) fundada em 1917, que é uma organização dessa elite criada para desenvolver e organizar-se junto ao Estado, “apontando” sobre as “necessidades” de investimentos na cidade, para uma melhor dinâmica comercial. Sobre a formação dessa elite local;

[...] até meados do século XX, Parnaíba consolidou-se como mais rentável empório comercial do estado [...] responsáveis pelo escoamento da maioria dos produtos exportados/importados pelo comércio piauiense. Os efeitos dessa conjuntura propiciaram a rápida emergência de uma elite urbana composta basicamente por comerciantes e profissionais liberais. Esta elite comercial, embora de formação recente e movida por expectativas progressistas, fez com que Parnaíba, até então uma cidade com traços eminentemente coloniais, entrasse de vez em uma nova fase do seu desenvolvimento urbano e social. [...] o casario, imobiliário, as formas de lazer, começaram a ganhar certo espaço e gosto daquela elite [...] (SILVA, 2012, p.26).

A partir desse destacado momento econômico que a cidade de Parnaíba vivia, fez-se necessário a modernização dos espaços assim como uma identificação por partes de “grupos” nos mesmos, como forma de legitimação.

Muitos foram os anseios e as modificações na formação do espaço urbano de Parnaíba, pois, uma boa quantidade de investidores que estavam sediados em Parnaíbaera de estrangeiros, em especial portugueses, Sírio-libaneses, ingleses, alemães. Algumas das estruturas montadas por estrangeiros estabelecidos em Parnaíba são de grande porte e deram uma estética diferenciada à parte centralizada da cidade, situada na Rua Grande até o Porto Salgado (Porto das Barcas). Esses investidores agora irão fazer parte da rotina da cidade movimentando a parte comercial firmando bases e investindo no mercado de exportação e importação.

Na imagem 01 notamos o impacto que algumas dessas casas comerciais estrangeiras e residências dos mesmos resultou na cidade. Na arquitetura da cidade e no desenho urbano feito a partir delas, sendo esses espaços lugares que denotam desenvolvimento comercial, social e urbano para Parnaíba na época. Podemos perceber tais características através da imagem seguinte.

¹ Associação Comercial de Parnaíba ACP, entidade que reunia gestores da atividade econômica do Norte do Piauí, movidos pelo espírito cooperativo e progressista, em 14 de janeiro de 1917 realizaram a Assembleia de

Figura 1 – A Casa Inglesa no final da imagem, e na imagem central fica a BoothLine e Co, com Vice Consulado britânico (onde fica hoje o Armazém Paraíba). Início da década de 1930.



Fonte: www.flickr.helderfontenele.com acesso: 15 de maio de 2016.

Como podemos analisar na imagem, a cidade tomava ares de empório comercial, com grandes firmas e casas de comércio, além da mudança estética que advinha dessas construções. Muitas dessas casas, como podemos observar na imagem, eram de propriedade de estrangeiros que se estabeleceram na cidade e formaram uma elite comercial contundente, entre elas esta a da família Clark²;

Em Paraíba a Casa Inglesa se instalou e 15 de março de 1849 [...] a qual se sucederam várias outras [...] depois da Singlehurst e Co. Ao longo do império, alterações havidas nas tarifas alfandegárias, tornaram-nas menos favoráveis aos ingleses, o que levou Paul Robert Singlehurst & Co. à venderem suas cotas ao sócio minoritário em Paraíba, James Frederick Clark, em 1º de Janeiro de 1900. [...] O sobrado comprado devia satisfazer a expectativa ou a mentalidade do comerciante inglês que buscava instalação adequada ao material que comerciava. [...] Além de buscar uma boa localização, caso da Rua Grande, o sobrado ficava nas proximidades do Rio Paraíba, do Porto Salgado, da Alfandega e do Consulado inglês. (MOTTA, 2010, p.170-172).

Como podemos perceber na referência a cima, o perímetro escolhido para desenvolver as atribuições comerciais será a Rua Grande (Avenida Getúlio Vargas), na qual pesou na sua escolha a proximidade do Porto Salgado e terá agora a partir disso uma boa infraestrutura

² Família que veio da Inglaterra e se instalou em Paraíba no final do século XIX, montou sua casa comercial e particular (Casa Inglesa), trabalhando com importações e exportações de produtos, a Casa Inglesa começou seus negócios em Paraíba tendo como base de mercadorias; Tecidos, Artigos masculinos, objetos de ferro. Com o tempo outras mercadorias comercializadas foram se modificando. (MOTTA, 2010).

referente às necessidades econômicas, e passara a ser em consequência disso, a Parnaíba desenvolvida.

Outra família comerciante estrangeira que se estabeleceu em Parnaíba foram os franceses da família Jacob³ desde 1886. Também fizeram parte da elite comercial vigente da época da primeira metade do século XX, construindo sua Casa Comercial na Rua Grande, contribuindo para tornar aquele perímetro Rua Grande / Praça da Graça movimentado economicamente.

Por volta de 1881, Marc e Lazare Jacob, dois dos cinco filhos do casal de fazendeiros franceses Joseph Jacob e Marie Beatrix, vieram de Schalbach, na Lorena, França, para o Ceará, Brasil. Mais tarde outros dois irmãos juntaram-se a eles, em Parnaíba: Myrthil e Charles. Os irmãos Jacob chegaram a Parnaíba, possivelmente em diferentes momentos[...] Registrava-se com o nome de Casa Comercial Marc Jacob na Alfandega de Parnaíba, tratava-se de uma firma individual sendo Marc Jacob seu único proprietário. (MOTTA, 2010, p.187-189).

Figura 2 – Roland Jacob



Fonte: www.parnaibadasantigas.com acesso: 15 de maio de 2016

Na imagem anterior, apresenta-se um dos representantes da família francesa em Parnaíba, senhor Roland Jacob. A família Jacob foi integrante da elite que despontava em Parnaíba, com a criação da Casa Marc Jacob e desenvolveu-se através do comércio de

³ Família Francesa que se instalou em Parnaíba no Final do século XIX. Comerciantes, abriram uma Casa Comercial chamada Marc Jacob.

exportação e importação de produtos e iguarias francesas. Segundo MOTTA: “A Casa Marc Jacob atuava como arrecadadora e distribuidora de produtos, escoava vários produtos importados [...], tais como: morim, algodão, brim de cor, lenços, e exportava [...] subprodutos do gado e do extrativismo vegetal”. (MOTTA, 2010).

Muitos dos estrangeiros que residiam na cidade de Parnaíba vieram em meados do fim do século XIX e início do XX, estabelecendo-se justamente em locais de fácil escoamento de produtos, e o Porto Salgado era ideal para tais desdobramentos. Isso somado ao extrativismo vegetal na época propiciou uma dinâmica econômica que norteava os caminhos para um “desenvolvimento” social, político e urbano, o “moderno” agora era perseguido por essa elite.

O setor industrial, mesmo que resumido e discreto, também fez parte daquela conjuntura econômica da cidade, na qual, produzia-se e exportavam-se produtos advindos dessa atividade. E a principal atividade industrial na cidade de Parnaíba na primeira metade do século XX é desenvolvida pela indústria e Comércio Moraes S/A⁴, que movimentava o comércio local, utilizando da matéria prima abundante na cidade, que é a cera de carnaúba, vendendo para várias localidades.

Figura 3 – Indústria e Comércio Moraes S/A, fundada em 1947.



Fonte: <https://adn10especial.blogspot.com.br> acesso: 15/05/2016

⁴ As indústrias e comércio Moraes S/A se destacaram na produção de óleos vegetais e cera de carnaúba. A empresa foi uma das pioneiras do Piauí na comercialização e exportação de alguns produtos, como sabonetes “Glicerol” e “Moraes”, produção de cera de carnaúba em alta escala com qualidade superior a outras matérias primas. (ADN10especial.blogspot.com.br)

Porém Parnaíba não era a única cidade do Piauí a se modificar advindo da consequenciada modernização, no começo do século XX. A capital Teresina distante cerca de trezentos e cinquenta quilômetros de Parnaíba e fundada em 1852 também vivia esse contexto de progresso e modernização, constituindo zonas de acentuado desenvolvimento. Paralelamente somavam-se locais de muita pobreza, onde havia duas cidades em uma só, com distintas formações. Esse é um dos reflexos da ação da modernização na cidade e na sociedade como um todo.

Na capital Teresina assim como na cidade litorânea de Parnaíba os processos de transformações na sua estrutura social, urbana, e econômica foram semelhantes em alguns aspectos, como a ânsia do progresso que fez com que a estrutura espacial da cidade de Teresina se modificasse, ocorrendo o mesmo em Parnaíba. Uma elite formava seus espaços com toda estrutura favorável, enquanto o povo descia para a periferia em meio às péssimas condições de moradia e saúde.

Essa dualidade de características é fruto de interesses distintos. E para sujeitos de classes sociais abastadas, no entanto o discurso mais aceito é o mesmo, de que a cidade está no rumo do progresso, mesmo não especificando a quem ele alcançaria. Teresina respirava esse contexto. Sobre a formação espacial de Teresina o historiador NASCIMENTO (2002) faz indagações, onde ele analisa essa segregação dos espaços, assim como o contexto socioeconômico em que vivia a cidade de Teresina em meados das décadas de trinta e quarenta:

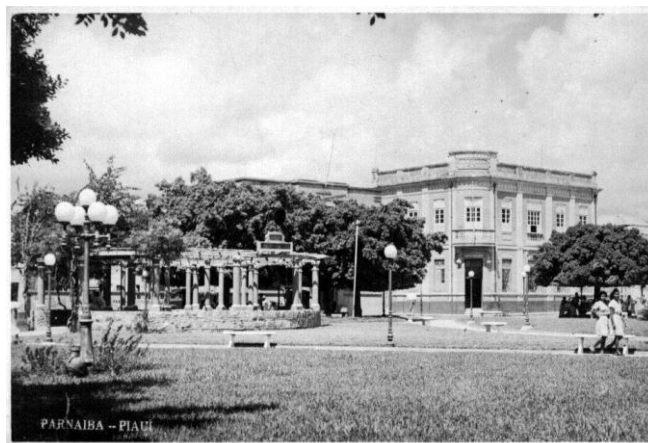
[...] os segmentos sociais que moravam fora do eixo central da cidade pouco se beneficiavam das transformações urbanas. Os bairros não tinham água canalizada, não recebiam energia elétrica nem as ruas eram calçadas. A maioria das habitações era de palha de coco babaçu. A pobreza material da maioria da população que morava na periferia contrastava com os novos edifícios, os automóveis, as ruas limpas e alinhadas de outra cidade. (NASCIMENTO, 2002, p.121).

Ao sairmos da esfera local observamos o exemplo da capital Teresina, de como são parecidas às práticas e os efeitos da modernização, com isso, obviamente, a sociedade tende a se modificar sendo reflexo de estrangeiros, viajantes e comerciantes advindos do Porto Salgado além da população parnaibana. A partir desse panorama relações foram se estabelecendo na cidade, em especial relações sócio espaciais, sobre isso, GANDARA (2010) nos diz:

Sabemos que as relações sócio-espaciais resultam em formas de representações coletivas associadas com identidades sociais, culturais e políticas, através das quais as pessoas podem reconhecer seu pertencimento a uma unidade. “Estas relações sócio-espaciais nada mais são do que integrações formadas pela localidade, aonde uma pessoa ou um grupo conduz atividades cotidianas regulares interagindo ou sendo expostos a diferentes redes sociais e instituições”. E ainda completa, indagando a respeito do fluxo de pessoas das mais variadas culturas em Parnaíba naquela época, dizendo que; “A cidade de Parnaíba tendeu a acumular um fluxo de energia, indivíduos vindos de outras plagas, tanto doutras regiões do país quanto de outros continentes, concentrando-os, dispersando-os, os reorientado, em suma, exercendo uma influência nítida sobre sua realidade”. (GANDARA, 2010, p.255).

A respeito da formação dos espaços urbanos na cidade de Parnaíba, o espaço/lugar da Praça da Graça⁵ é um local de referência, como também de muita influência para a “estrutura espacial da cidade”. Pode ser entendido como um dos pontos de partida para a delimitação do centro/espaço-urbano da cidade de Parnaíba, pois, é lá que se articulam vários segmentos da esfera cultural tal como o Cine Teatro Édén.

Figura 4 – Praça da Graça década de 1930



Fonte: www.parnaibadasantigas.com acesso: 15/05/2016

No próprio ambiente da Praça da Graçase apresentavam artistas de rua e artesãos. Sendo a principal praça, todo evento ou divulgação do mesmo seja de maior ou menor

⁵ Principal Praça da cidade, localizada no centro de Parnaíba, é de lá que parte o marco zero da cidade, onde se inicia as ruas. Local de lazer e de prestação de serviços, pois ao seu entorno encontram-se; Banco, Correios, Cinema, bar, Igrejas e alguns outros edifícios que movimentam esse lugar.

expressão tinha/tem relação com esse espaço centralizado. Segundo Silva; “A Praça da Graça e seu entorno foi, sem dúvida, o lugar de concentração da maior parte das atividades da vida social/cultural da cidade.” (SILVA, 2012).

Representações de cunho religioso também são observadas, pois em suas imediações estão localizadas as Igrejas de Nossa Senhora da Graça (Igreja Matriz), e a Igreja Nossa Senhora do Rosário (Igreja dos Escravos), ambas construídas nos séculos XVIII e intimamente ligadas com a formação e história de Parnaíba. Eventos como as procissões, desfiles, e discursos são vivenciados nesse espaço. Atualmente a Praça da Graça é o espaço de lazer muito movimentado, visitado por turistas. Também encontramos jogos, bares e a própria conversa ao reunirem-se nesse local.

Além de se constituir em lugar de passagem/encontro, a praça era por onde se desfilava as principais modas, onde se realizavam as festas religiosas e pagãs, se iniciavam casamentos e também se ouvia boa música. (SILVA, 2012, p.35).

Outro destaque como lugar/espaço de referência, foram os prédios a sua volta que desempenham um papel burocrático e de prestação de serviços tais como a Agência dos Correios e Telégrafos e a Agência do Banco do Brasil (que inclusive foi a 23ª agência nacional a funcionar), que se modernizou ao longo do tempo acompanhando esse processo em que a cidade estava como também lojas das mais variadas, que faziam/fazem parte do cotidiano da praça.

O centro comercial, varejista, de casas de entretenimento, da agência financeira e de correspondência, de bares e outros lugares de encontro tal como a Praça da Graça, de compromissos religiosos tal como as Igrejas Nossa Senhora das Graças e a Igreja do Rosário. Em resumo, esse perímetro compreendido ao redor da Praça da Graça fazia parte da cidade moderna e preparada para o desenvolvimento, um lugar marcado por atender demandas burocráticas, e ao mesmo tempo movimentar a cidade em especial nas tardes/noites. Podemos notar tais características através da imagem 05.

Figura 5 – Prédios que ficavam no entorno da Praça da Graça, sendo o primeiro da esquerda o Cine Teatro Éden, o primeiro da direita a Agência do Banco do Brasil, e no meio a Agência dos Correios e Telégrafos, meados da década de 1930 antes de reformularem-se.



Fonte: www.helderfontinele.com acesso: 14/05/2016

Assim a Praça da Graça era/é um espaço de muita referência para os parnaibanos por fazer parte do cotidiano de Parnaíba por dar vida à cidade, por seu aspecto social, econômico, político como também cultural como me referi há pouco. Essa relação de destaque desse espaço com a cidade foi construída ao longo do tempo através das diferentes formas de utilização do mesmo, assim tornando-se um lugar de significados e simbolizações para aqueles que viviam toda a sua dinâmica.

Acreditamos que no século vinte a dinâmica da urbanização tomou maiores proporções, pois, esse foi um dos fatores que contribuiu para a visão e busca do ser “moderno” e a padronização do mesmo. A esse respeito BERMAN nos fala:

O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, quando menos por que sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo. O brilho e a profundidade da vida moderna. (BERMAN, 1986, p.22).

A urbanização está intrinsecamente ligada ao anseio e pensamento de modernidade. Esse conceito de modernidade é resultante de práticas e mutações que ocorrem em várias sociedades como a de Parnaíba, modificando suas práticas cotidianas, culturais, espaciais de mentalidades entre outras especificidades. A esse respeito acerca da modernização BERMAN fala:

Na verdade, contudo, um grande e crescente número de pessoas vem caminhando através desse turbilhão a cerca de quinhentos anos. “Embora muitas delas tenham provavelmente experimentado a modernidade como uma ameaça radical a toda sua história e tradições, a modernidade, no curso de cinco séculos, desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias.” E ainda completa; “No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-se num perpetuo estado de vir-a-ser, vêm chamar-se ‘modernização’.” (BERMAN, 1986, p.15 -16).

Ainda sobre essa questão do moderno, LE GOFF (1990) faz uma referência ao antigo e o moderno, os identificado e relacionando-os; “O por em jogo do antagonismo antigo/moderno é constituído pela atitude dos indivíduos, das sociedades e das épocas perante o passado, o seu passado” (LE GOFF, 1990).

O capitalismo sem dúvida tem relação direta com a modernização e a consequente modificação dos espaços, e em Parnaíba não foi diferente já que tinha uma elite comercial/exportadora bem atuante que implantou práticas desenvolvimentistas, e consequentemente isso se evidencia na urbanização, arquitetura, assim como privilégios a determinados espaços ditos centralizados, e para distintos grupos sociais, a respeito dessas práticas e relação espacial desses grupos LIPPI nos diz:

As portas conceituais fornecem mecanismos de controle, a maior parte indiretos, mas de grande eficácia na ordenação racional do espaço — bairros especializados, zoneamento, lugares públicos e de acesso ao público, edifícios especializados, organizados e ordenados pelas normas disciplinares [...] que permitiram vigiar todos os movimentos dos habitantes das cidades. (LIPPI, Org. 2002, pag.31).

Em Parnaíba, podemos identificar tais mudanças através do desenvolvimento urbano, onde locais de legitimação da elite local tal como a Rua Grande ⁶ (Avenida Getúlio Vargas), reforça-se com investimentos de malha asfáltica de infraestrutura, em que facilita o tráfego na área conhecida por seu intenso fluxo comercial abordado anteriormente. Como podemos analisar na figura 06 a seguir.

⁶ Principal artéria de Parnaíba, seu perímetro começa no prédio Marechal Deodoro findando no Porto Salgado (Porto das Barcas). Possui em suas imediações prédios de arquitetura diferenciada e investimentos em infraestrutura, sendo a primeira rua a receber calçamento e posteriormente asfalto.

Figura 6 – Asfaltamento da Avenida Getúlio Vargas, embelezamento e desenvolvimento urbano, final da década de 1930.



Fonte: www.flickrhelder.com acesso: 13/05/2016

Parnaíba apesar desse acentuado desenvolvimento das práticas comerciais e industriais, ainda assim existia/existe o outro lado da cidade, um lado que não participa de forma mais contundente dos benefícios que esse progresso estava propondo. Pois muitas localidades na cidade viviam em estado de muita pobreza, assim como o esquecimento por parte da elite local.

Figura 7 – Lavadeiras no cais do Porto Salgado meados do início da década de 1940.



Fonte: parnaibaantigacapitaldodelta.com acesso: 15/05/2016

Essa dualidade social/econômica em Parnaíba se configurava, apresenta-se por um pequeno numero de comerciantes que fazem parte da formação de uma elite local, e a outra remete a massa de trabalhadores lavadeiras, estivadores, vendedores ambulantes, que margeavam o rio Igarauçu. Grupos sociais distintos, nesse contexto de aspirações desenvolvimentistas, lugares/espacos são utilizados como demarcadores de tais insígnias, e entre eles, o Cinema, que figura como “instrumento de estrutura social”, pois como diz HOBBSAWM:

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais.(HOBBSAWM, E.J. RANGER, T. 1997, p.271).

O papel do cinema, além do entretenimento, ele oferece aos seus espectadores a oportunidade de viajar, conhecer outras culturas, analisar o “diferente”, o “espetacular”, o “exótico”. Sobre essa discussão, HOBBSAWM (1988) fala sobre a entrada e exposição do “exótico” através de redes de comunicações, entre elas o cinema, que leva à sua tela a figura do elemento desconhecido:

[...] a densidade mesma da rede global de comunicações, a própria facilidade do acesso a países estrangeiros intensificaram, direta ou indiretamente, o confronto dos mundos ocidental e exótico [...] Mas o exótico se tornou crescentemente parte da educação cotidiana, como na literatura juvenil, [...] cujo herói alemão imaginário percorreu o faroeste [...] nas incursões a África negra [...] nos romances de aventura, cujos vilões agora incluíam orientais inescrutáveis e todo poderosos. (HOBBSAWM, 1988, p.75).

Para relatar a cidade de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX utilizei referências da literatura local, bibliografia e a outra fonte de pesquisa a ser trabalhada são os memorialistas através de relatos dos mesmos. Esses grupos tem um papel crucial para elucidar fatos, referenciar locais, sujeitos, espacos entre outros aspectos que faziam parte da cidade. Assim podendo ser feitas análises de uma ótica diferente ou não da tradicional, contribuindo para uma análise histórica. Sobre isso:

Quase toda cidade possui os seus guardiões da memória, são sujeitos que se preocupam em pesquisar, preservar, difundir a memória e em produzir/registrar a história de suas comunidades. Os memorialistas [...] se

caracterizam por possuírem acervos de documentos locais, [...] cartas, fotografias, livros [...] Muitos deles não se limitam apenas a serem colecionadores de antiguidades, mas também aventuram-se no universo da escrita, mas especificamente a escrita da história. (BARBOSA, 2013, p.01).

Parnaíba também possui esses “guardiões da memória”, em que identificam aspectos de determinados contextos de determinadas épocas, clareando e disponibilizando informação para o pesquisador. Cabe ao pesquisador interpretá-las e metodologicamente usá-las com devido rigor e sensibilidade. Pois cada memorialista é um sujeito social, falando de uma determinada posição, ou seja, o “lugar social” de onde fala.

A respeito dessa dinâmica de história e memória LE GOFF diz:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. (LE GOFF, 1990, p.477 - 478).

A memória constitui uma espécie de ligação com o passado e segundo VASCONCELOS (2011) sobre a utilização dessa fonte como referência para buscar informações do passado:

As narrativas de lembranças das experiências vividas no passado, ainda que não tenham a pretensão do rigor teórico-metodológico que a historiografia exige, não obstante apontam para fatos e situações que realmente aconteceram, e que por isso podem constituir-se em fontes para a pesquisa do historiador. (VASCONCELOS, 2011, p.09).

Apartir disso utilizo da memória de um personagem que relatou as características da cidade de Parnaíba com muito apreço esse foi Humberto de Campos⁷, que apesar de não ser natural de Parnaíba, identificou-se muito com a cidade, lugar esse que passou parte da sua infância. Nesse relato, notou outra parte da cidade, paralela ao desenvolvimento progressista que, porém ainda não tinha chegado ali.

⁷ Intelectual, escritor literato, pertencente a Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos nasceu na cidade de Miritiba – MA em 25 de outubro de 1886, na qual parte de lá aos seis anos de idade para São Luiz, e em 1893 chega a cidade de Parnaíba onde viviam seus tios paternos comerciantes, lugar esse que passou parte da sua infância e povoava suas memórias.

Os Morros da Mariana, localizado na Ilha Grande de Santa Isabel Município de Parnaíba, Humberto de Campos relata o local através de um passeio feito com sua família. Esse relato é um fragmento do livro de Alcenor Candeira Filho⁸, que o utiliza na parte denominada “descrições da paisagem parnaibana” esse trecho discorre do final do século XIX e início do XX;

Morros da Mariana era um simples povoado de pescadores, tendo uma centena de casas de palha e nenhuma de telha, (...) do cimo do morro mais alto – vestido de cajueiros baixos e agrestes, viam-se as torres da igreja de Parnaíba, (...) não havia repartição ou capela. Apenas como traço eventual de civilização, uma pequena escola de primeiras letras cujas paredes eram feitas de troncos de carnaúba e cujo pavimento era de areia solta. Duas ou três vendas pobres. E junto ao porto cercado de bagaços que os bois comiam melancolicamente. (CAMPOS, Humberto de. In: FILHO, (s.d), p.96-97-98).

Para dar maior propriedade e reforçar as características daquela Parnaíba de “progresso”, utilizo o relato do memorialistaparnaibano Renato Castelo Branco⁹, no qual faz referências da cidade em meados do final da década de vinte até a década de trinta, em que retrata a estrutura espacial assim como a urbana de Parnaíba:

A cidade propriamente tinha em minha infância uns quinze mil habitantes – era o centro co jardins arborizados – ruas calçadas, luz elétrica, igrejas altas e bonitas em um palacete moderno e imponente, erguendo-se, de quando em quando, entre o casario baixo, de estilo colonial. (...) o cais era pitoresco e movimentado. (...) em torno desse núcleo, estendiam-se os bairros proletários, uma enorme cinta de palhoças e casebres onde as ruas não eram calçadas, não havia jardins nem praças arborizadas, e aonde os fios elétricos não chegavam. Era a Coroa, os Tucuns e os Campos. Coroa e Tucuns começavam também no rio, com seus botecos sórdidos a beira dos barrancos. (...) E daí iam se estendendo sempre beirando a cidade, a Coroa por um lado, os Tucuns pelo outro, até alcançarem os Campos, que fechavam a cidade pelos fundos, completando a anel (CAMPOS, Humberto de. In: FILHO, (s.d), p.99-100-101).

A população encontrava-se em meio a todas as mudanças tanto na política na sociedade, economia como também um maior destaque para a questão espacial, onde a população esteve paralelamente associada aos novos mecanismos criados pela elite, os quais envolvem a ressignificação e identidade dos espaços, e esses grupos se interligavam a partir

⁸ Poeta e Literato Alcenor Candeira Filho nasceu na cidade de Parnaíba em 1947.

⁹ Nasceu em 12 de setembro de 1914, na cidade de Parnaíba, escritor, poeta e homem de negócios, Renato Castelo Branco nos mostra a cidade da sua época através das suas memórias, local onde passou parte da sua vida até a fase adulta, a partir daí mudou-se para São Paulo onde permaneceu até seu falecimento.

de interesses desenvolvidos, em especial por consequência das relações econômicas. A respeito dessa relação espaço/população, GANDARA (2010) apresenta:

Como um lugar que favorecia reações em cadeia, materializada e contida em um espaço definido, desempenhava um importante papel, que se estendia além dos seus limites. Ali espaço e população encontravam-se estreitamente associados, segundo modalidades que permitiam ou definiam tanto suas capacidades financeiras, como sua ação organizadora. Na realidade estavam indissolivelmente ligados. (GANDARA, 2010, p.252).

Parnaíba é uma cidade que se transforma a todo instante, criando novos lugares e ressignificando os antigos, é nesse vai e vem de relações que ocorre o processo de formação e desenvolvimento, como também de projeções para o futuro da mesma. Para termos uma noção da cidade em meio aquela ânsia de progresso, analisaremos a população e a demarcação do espaço da cidade a partir desse fragmento extraído do Almanaque de Parnaíba na década de trinta, cujo título é: “Parnaíba – O presente”:

E’ sede do município que tem seu nome, com uma área calculada de quatro mil quilômetros quadrados, uma população absoluta de quarenta mil habitantes, ou relativa a dez habitantes por quilometro quadrado. A cidade [...] compreende a cidade velha e a cidade nova. Para efeito administrativo, divide-se em três zonas; central, urbana e suburbana. (ALMANAQUE, 1932-1933, p.35).

Uma parte da cidade estava se estruturando enquanto a outra, já nos ideais do progresso, chamada de velha e atrasada se encontrava paralelamente desestruturada, Assis Brasil¹⁰, nas suas muitas produções identificaos dois lados dessa Parnaíba, a do atraso, e como ele diz “de envergonhar”, nessa identificando a sua carência estrutural, enquanto a outra progressista, com a ânsia do desenvolvimento. Notamos isso quando (BRASIL, 2007) relata o cais em meados do final da década de 1920 em sua obra Beira Rio Beira Vida, e suas muitas referências dizendo que: “A parte velha que envergonha a cidade, só tem rapariga, as casas estão caindo, o prefeito não via aquela desmoralização, bem na cara das famílias de respeito” (BRASIL, 2007, p.104).

Enquanto em sua outra narrativa a respeito dessa localidade através do referencial progressista, ele nos fala:

¹⁰ Nascido na cidade de Parnaíba em 1932, Francisco de Assis Almeida Brasil (ASSIS BRASIL); escritor, romancista, cronista, crítico literário e jornalista, membro da Academia Piauiense de Letras, publicou mais de cem obras durante sua vida.

O velho cais teria um fim - a cidade crescendo, já falava em pista para automóveis, em paralelepípedo – as casas de taipa não podiam ficar ali onde passariam novas ruas e avenidas – a polícia andava proibindo as mulheres de subirem nas gaiolas ou descerem nas barcas que chegavam. Tinha um guarda que até espancava – vão fazer vida em outro lugar desavergonhadas não respeitam as famílias direitas.(BRASIL, 2007, p.104).

Através desses relatos podemos identificar que, o desejo pelo progresso estava tentando ditar o ritmo da cidade, criando novas concepções e modelo de sociedade, assim como também inserindo um pensamento de moralização, tanto da sociedade como também dos espaços.

Todas essas construções e modificações ocorrem em um campo/espço que proporciona essas articulações, a cidade oferece subsídios para que se desenvolvam simbologias, fragmentações e mecanismos, e a partir disso irão surgindo disputas das mais variadas. Em relação aos processos desencadeados por esse progresso na cidade, assim como as transformações e conflitos que ocorrem nesse espaço, essa dinâmica criada em torno e pela cidade de Parnaíba a transformando em um verdadeiro “campo de disputas”, Correa nos fala:

Espço urbano fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social evidencia um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (CORREA, 2000, p.11).

Parnaíba é uma cidade que respira história nos seus mais diversos lugares, um lugar onde o passado deixou marcas no presente através de discursos, lugares distintos, personagens/grupos, esses são alguns mecanismos que fazem ligação direta com esse passado recheado de interpretações e referências que passam a fazer parte da construção história de uma Parnaíba, ou mais de uma identificada e reproduzida a partir das mais variadas representações.

A cidade é um espaço de inúmeros acontecimentos sejam das mais diversas esferas e interesses, como também um lugar em que se formam paradigmas, tendências, simbologias, e um variado leque de relações e referências. Também local de personagens e grupos que fazem parte desse campo de estudo, que dispõe de atores sociais diversos assim como disputas. Aqui fica subentendido a cidade como um lugar/espço vivo e pulsante, um campo vasto e com infinitas percepções.

Esse campo de infinitas possibilidades denominado cidade nos fornece uma gama de elementos que se constituem e fazem parte de um todo e que se articulam a partir de interesses distintos, Parnaíba foi e ainda é, uma cidade que vive e respira o seu passado, e ele está fortemente vivo na memória dos parnaibanos como também nos vários espaços da cidade, que estão tão vivos quanto à memória. Isso foi reflexo de uma determinada cidade, que vivia um determinado contexto, e com isso, interferindo e modificando aquela sociedade.

A necessidade de modernização por parte de uma elite, assim como os sujeitos que ficaram a margem dela fazem parte de toda a dinâmica social-econômica em que a cidade passava, o “progresso” ia interferindo nas práticas sociais, valores culturais, assim como o próprio cotidiano. Essas questões serão discutidas a partir da ótica social, o lugar de sociabilidades; o cinema, que é inserido naquele contexto, na qual irei abordar o papel desse lugar de entretenimento, de imaginações, modernizador e segregador, analisando o campo das representações dos diferentes sujeitos sociais.

2.0 O CINEMA E SUA RELAÇÃO COM O PANORAMA SÓCIO/ECONÔMICO DE PARNAÍBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

O panorama mundial no início do século XX, remetia a um acelerado desenvolvimento tecnológico através do feroz e implacável crescimento industrial, que se dava em algumas metrópoles europeias, nas qual importava e exportava matéria prima de outros países mantendo uma economia global de mercado sempre em movimento, e para que sua estrutura ficasse mais sólida e aperfeiçoada, máquinas e mecanismos foram sendo criados para tal proposito.

Um novo arranjo foi sendo criado por essas potências industriais europeias. Com a centralização do capital, as burguesias desses países iam dominando o cenário econômico mundial, criando demandas e “necessidades” de consumir, morar, vestir, e também novas práticas de lazer, agora usando de adventos tecnológicos tais como o cinema, a “luz da tela” que apresentanovas perspectivas, sonhos, aspirações e ao mesmo tempo é reinventada em cada meio social em que ela se insere.

2.1 O desenvolvimento da cinematografia

O mundo no final do século XIX e início do XX, desenvolve diversas técnicas para a obtenção de maior produção, criando maquinários que possam fazer diversas funções em um curto espaço de tempo e sendo cada vez menos necessária mão de obra. O avanço tecnológico se fazia necessário não só para articulações industriais, mas também para o campo cultural, seja no teatro, na fotografia, e também no cinema, na qual se podia armazenar essas imagens e levar para diversos lugares.

O desenvolvimento da máquina fotográfica no mundo foi um passo importante para que ficasse registrado cada momento e cada lugar. Essas imagens servem para que vejamos cada contexto e identifiquemos suas características e particularidades. O desenvolvimento dessa tecnologia nos proporcionou cada vez mais o acesso a imagens singulares de determinados acontecimentos, ficando como registro, isso, antes feito pelas mãos de pintores nas suas telas,que apesar de importante não tem a riqueza de cada detalhe que captura a câmera.

Essa captura de imagens foi muito importante para que outras formas de apresentação fossem articuladas tais como o cinema que em seus primórdios tinha a forma que se fazia esse tipo de tecnologia intrinsecamente ligada à utilização da fotografia na qual imagens eram utilizadas é que faziam acontecer a então cinematografia. Sobre essas novas técnicas e a utilização de imagens:

No final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento: o aperfeiçoamento das técnicas fotográficas [...] e a aplicação de técnicas de maior precisão na construção dos aparatos de projeção. (MASCARELLO org. 2006, p.18).

Essa busca por um melhor aperfeiçoamento no intuito da captura de imagens não é tão recente assim. Durante os séculos, essas práticas foram sendo desenvolvidas surgindo novas maneiras e métodos que chegasse ao menos próximo à figura a ser captada, explorando sua riqueza de detalhes, passos esses muito importantes para que em meados do século XIX, essas tecnologias fossem utilizadas para a produção cinematográfica. Sobre essas práticas ao longo do tempo, BERNADET (2004) diz: “Mas ao quadro ou à fotografia falta o movimento, fundamental para produzir a impressão de realidade. Há séculos tenta-se criar imagens em movimento”. (BERNADET, 2004.)

Como utilizar dessas imagens para que se produza um efeito de apresentação do real através delas, pois o propósito agora não se limita a apenas retratar cenários, pessoas, situações através de imagens fixas, como disse BERNADET (2004), o homem busca uma melhor forma de retratar o “real” e o despertar dessas práticas acontece com o movimento dado a elas, efeito esse que se desenvolve ao longo do tempo. Sobre essa questão do movimento dado às imagens;

A luta pelo movimento desenvolve-se em meios científicos durante o século XIX. Pierre Janssen pesquisa uma “câmara-revólver” para registrar a passagem de Vênus pelo sol em 1873. Mais para o final do século, o Inglês M. Urybridge monta um complexo equipamento com vinte e quatro câmaras para analisar o galope de um cavalo. E o Francês Marey cria o “fuzil fotográfico” capaz de tirar doze fotos em um segundo e que ele usa para fotografar e analisar o voo de um pássaro. (BERNADET, 2004, p.06).

O desenvolvimento dessas técnicas do movimento das imagens ia se acentuando por todo o mundo. “Mas o movimento em si seduz. Ainda hoje crianças brincam com

livrinhos onde estão estampadas, em fotografia ou desenho [...] Mas só o cinema realizou o sonho do movimento, da reprodução da vida.” BERNADET (2004). Agora se fazia necessário que todo esse movimento fosse reproduzido e armazenado em uma máquina cinematográfica, na qual, a indústria dando saltos em criações e elaborações de maquinários, isso também se refletiu na cinematografia, pois:

A máquina cinematográfica não caiu do céu. Em quase todos os países Europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. É a grande época da burguesia triunfante; ela está transformando a produção, as relações de trabalho, a sociedade com a Revolução Industrial. (BERNADET, 2004, p.06).

O universo cultural transformou-se drasticamente com o advento dessa tecnologia que baseada na máquina foi capaz de reproduzir a realidade na utilização dessas imagens. Esse foi o ponto de partida para que cada vez mais o homem registre esses acontecimentos, agora não só através de imagens fixas e inanimadas, mas também com todo o movimento articulado pelas várias capturas desenvolvidas ao longo do tempo e que agora poderia ser concretizado e sintetizado em uma máquina. A respeito de como essa máquina reproduziam essas imagens:

Juntavam-se a técnica e a arte para realizar o sonho de reproduzir a realidade. Era fundamental ser uma arte baseada na máquina, baseada num processo químico que permite imprimir uma imagem numa película sensível, tornar visível esta imagem graças a produtos químicos, projetar esta imagem com outra máquina, e isso para uma grande quantidade de pessoas. (BERNADET, p. 07, 2004).

O avanço das práticas cinematográficas através das máquinas era feito de modo acelerado, reflexo da industrialização que busca novos mercados e consequentes lucros. Agora com o advento dessa tecnologia, o intuito desses países industrializados detentores desses aparatos era o de atravessar fronteiras pelo mundo, para atingir os vários públicos e mercados consumidores. A partir das películas várias cópias poderiam ser tiradas podendo ser enviadas para distintos lugares, possibilidade essa refletida no armazenamento dessas informações e imagens através dessas películas.

O mundo industrializado, em especial no final do século XIX com o advento da tecnologia e a força econômica de algumas potências que protagonizavam esse panorama onde dominavam as técnicas de produção, os maquinários e conseqüentemente o mercado consumidor. Com a cinematografia não foi diferente, pois: “Esse sistema de cópias permitiu uma rápida e brutal expansão do mercado mundial de cinema e a dominação de totalidade do mercado internacional por umas poucas cinematografias” (BERNADET, 2004). Com isso, a burguesia dita o seu ritmo de expansão do cinema através de moldes colonialistas;

As cópias baratas circulam pelo mundo beneficiando-se do contexto histórico em que o cinema aparece; a burguesia triunfante absorve as matérias primas dos países dominados, faz circular suas mercadorias pelo mundo, conquista novos mercados, é colonialista. Os cinemas vão logo encontrar os canais por onde circular. (BERNADET, 2004, p.12).

O Brasil é um desses “alvos coloniais” para a infiltração do cinema, pois as potências tinham uma relação comercial forte com o Brasil por ser um mercado exportador de matérias primas. A partir dessas relações comerciais, o cinema estrangeiro ia se articulando com o Brasil, onde era feroz a entrada dessas produções, na qual o Brasil pouco impunha barreiras, pois segundo BERNADET (2004) “[...] países que a cultura foi em grande parte formada pelos invasores ou dominadores, como o Brasil, a dominação cinematográfica pôde ser quase total.” Como também, essa economia global concentrada nas mãos das potências desenvolvidas impôs a penetração desse cinema Europeu/Estadunidense no Brasil:

O Brasil nunca conseguiu enfrentar realmente a importação do filme americano, por que esta importação é sempre vinculada à exportação de matérias primas, tal como café, ou produtos manufaturados, sapatos, por exemplo. Diante da possível restrição à importação de filmes, os Estados Unidos respondem com uma ameaça de restrição à importação de produtos que pesam na balança comercial brasileira. (BERNADET, 2004, p.14).

O cinema nacional irá surgir em meados da década de 30/40, pois como foi dito, a técnica e o aparato tecnológico concentravam-se nas mãos de uma pequena minoria burguesa dos países com uma industrialização forte, na qual se articularam para que seus interesses fossem também a partir do domínio dessa tecnologia, propagados pelo mundo incitando e promovendo estilos de vida, consumo e comportamento. E quando surgem as primeiras produções nacionais, a referência dos EUA e Europa é gritante, pois:

Os primeiros filmes brasileiros das décadas de 30 e 40 representavam nada mais de que uma tentativa de copiar aquilo que já era feito nos Estados Unidos e na Europa. As chanchadas, embora pudessem até pretender ser cópias de Hollywood, terminam por produzir simulacros do cinema americano[...] pelos filmes de Vera Cruz, que procurou copiar “a sério” o padrão de produção europeia. [...] O cinema nacional era visto pela crítica como uma cópia mal feita e de mau gosto do cinema estrangeiro. Convencidos de que cinema era apenas diversão, qualquer realismo com seu verismo provocava uma reação de estranhamento e rejeição na plateia. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.295-296).

Na cidade de Parnaíba, e o seu papel de influência e representação social, desenvolveu-se na cidade onde, não diferente de outros lugares integrou-se rapidamente ao cotidiano local, se configurando como lugar/espço de distinções e sociabilidades, trabalharei com essas pautas nos próximo tópico.

2.2 O cinema no cotidiano dos parnaibanos

Inicialmente, podiam ser identificadas como práticas cinematográficas a apresentação através de imagens e atrações teatrais, como diz (MASCARELLO, 2006) “quando apareceu, por volta de 1895, não possuía um código próprio e estava misturado a outras formas culturais”. As exposições de práticas cinematográficas no início do século XX, eram verdadeiros espetáculos apresentados em diversos lugares e formas, sobre isso:

Os aparelhos que projetavam filmes apareceram como mais uma curiosidade entre as várias invenções que surgiram no final do século XIX. Esses aparelhos eram exibidos como novidades em demonstrações e palestras ilustradas [...] outras formas de diversão popular, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos de variedades. (MASCARELLO, 2006, p.17)

Em meio a todo esse contexto, tais práticas eram desenvolvidas por cacheiros viajantes de muitas partes do Brasil assim consequentemente, o Piauí é agraciado com sutis representações cinematográficas. Os primeiros traços de produção cinematográfica no Piauí ocorreram na cidade de Parnaíba, onde cacheiros viajantes de todo o Brasil passavam por muitas cidades no Piauí, mas por ter um forte desempenho comercial, Parnaíba recebe um grande fluxo de pessoas, sendo de muitas regiões e com distintos produtos e serviços para

oferecer. Sobre esses viajantes que percorriam todo o nordeste, Humberto de Campos em uma de suas crônicas afirma:

Eu de mim recordo-me perfeitamente dos primeiros filmes que fui espectador. O exibidor ambulante, dos muitos e beneméritos que percorriam então os sertões brasileiros, levando a mais surpreendente novidade da época, fora à cidade de Parnaíba. Era nos primeiros dias de 1903... Utilizando elementos rudimentares de emergência, lançando mão de carbureto como sucetâneo da eletricidade, a verdade é que a cinematografia se descobriu admiravelmente, dessa vez em Parnaíba, das suas responsabilidades. (CAMPOS, Humberto de. In: BARRO, 2000, p.113-114).

Como pudemos perceber, em Parnaíba desde o início do século XX já eram praticadas, através desses personagens, pequenos traços de apresentação cinematográfica, na qual bem rudimentar, até mesmo por que a cidade no início do mesmo século não tinha muitos aparatos tecnológicos, como também a luz elétrica, se não existia, era de toda escassa. Porém apesar disso, ainda falando desses vestígios de apresentação cinematográfica para os Parnaibanos, o fotografo Moura Quineau expos uma das primeiras exibições cinematográficas do Piauí, pois segundo Teresinha:

A sociedade Parnaibana assistiu ao cinema mudo num período onde a própria capital do estado, Teresina, pouco conhecia o cinema. Em setembro de 1906 “o fotografo Moura Quineau, vindo de Parnaíba, trouxe um cinematógrafo servido de luz elétrica”, que acabou estreando em Teresina no dia 4 de setembro. (QUEIROZ, 1998, p.55).

Esses dois relatos configuram a ideia de que Parnaíba foi à primeira cidade do Piauí a serem apresentadas tais exibições cinematográficas. Entre os estrangeiros que habitavam a cidade estavam os libaneses, que eram assíduos comerciantes atuantes principalmente na área têxtil, produzindo e também importando matéria prima e outros produtos relacionados. Em Parnaíba morava uma família libanesa em especial, marcada não pelo comercio têxtil, mas sim por consolidação e desenvolvimento dessa cultura cinematográfica em Parnaíba, essa é a família Ferreira.

A família era constituída pelo; senhor Zacarias, os filhos; Miguel Carcamano e Alfredo. Seu Zacarias assim como os viajantes praticava a arte da cinematografia com seus lençóis colocados na praça principal (Nossa Senhora da Graça), e desenvolvia suas técnicas para projetar imagem nos lençóis, e assim alimentar a imaginação do seu público. Junto a seu

pai, Miguel e Alfredo iam pegando suas técnicas inspirando-se, na qual futuramente criarão a empresa *Ferreira e Irmão*, desenvolvendo novas técnicas e com novas pretensões.

Marcados pela influência e experiência do seu pai quanto às práticas cinematográficas, a *Ferreira e Irmão* nasceu resultante disso, pois os irmãos a desenvolveram, aumentando o negócio da família, marcando a sociedade parnaibana no ano de 1924. Essa foi à construção do Cine Teatro Éden no qual, os Ferreiras deram um passo a frente quanto ao desenvolvimento dessa cultura cinematográfica em Parnaíba. A construção de um espaço específico para apresentação de tais produções vai marcar e modificar o cotidiano dessa cidade. Esse foi o Éden:

Os Ferreiras instalaram sua sala perto o Jardim Público [...] Audazes e seguros quanto ao futuro comercial do cinema, compraram um terreno numa esquina de frente para o Jardim Público e construíram um prédio majestoso, assobrado, com ampla sala de projeção, mezanino e duas fileiras e camarote no alto. Era o Cine Teatro Éden. (SANTOS, 2004, p.06).

Figura 8 – Palacete do Cine Teatro Éden, meados da década de 1930.



Fonte: www.flickr.com/helderfontenele acesso:15/05/2016

O cinema se instala em Parnaíba de forma definitiva e mais articulada, diante das projeções rústicas em lençóis antes apresentadas. Com isso a cidade tem a oportunidade de observar as representações de várias culturas distintas do Brasil e do mundo, pois além de cinema a casa de espetáculos também apresentava shows teatrais e musicas. Representações

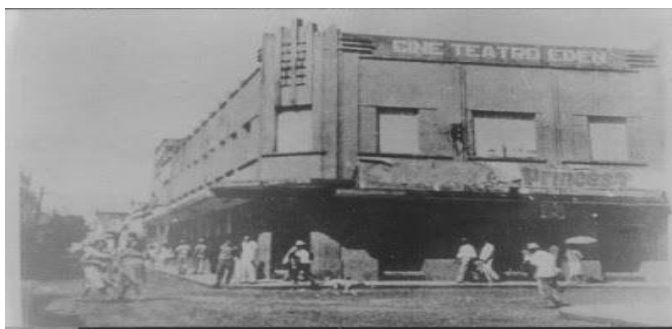
culturais das mais diversas, elemento importante para movimentar as tardes e noites da cidade e sua população:

Criado para o cinema, o Cine Teatro Éden foi palco de grandes espetáculos Teatrais e Musicais. Exercitando [...] se apresentaram no Cine Teatro Éden; Cia de Teatro do Procópio Ferreira, com sua filha Bibi Ferreira, renome nacional e internacional; Barreto Junior; Rodolfo Mayer, [...] Luiz Gonzaga - o Rei do Baião [...] Vedetes com show de “StreapTease”, Rude e Telma com números de mágica. [...] entre trabalhos parnaibanos. (CASTRO, 2000, p.23).

Com essas atrações, podemos perceber que o Cinema representava um local de grande movimentação social o qual, também os parnaibanos tiveram participação na parte teatral dessa casa de espetáculos; “As peças do grupo Sociedade Dramática de Parnaíba eram ensaiadas no Salão Paroquial e apresentadas no Cine Teatro Éden [...]” (CASTRO, 2000). Todos esses eventos culturais e artísticos sejam de grande ou pequeno porte eram possíveis devido a grande dimensão do prédio do Éden e a aparelhagem gigantesca

O Cine Teatro Éden tem 13m de frente por 29 de fundo e compreende a área que vai da esquina do calçadão ao prédio do senhor Gerardo [...]. Pela altura da construção daria para ser um prédio de dois andares, é que naquela época os equipamentos de projeção cinematográfica exigiam um espaço interno em grande dimensão, para projeção de filmes. As máquinas eram de 35 mm, [...] e pesavam cerca de 20 a 30 kg e chegavam à Parnaíba por via aérea. [...] As legítimas eram da marca ZeysYcon e vieram da Alemanha. (CASTRO, 2000, p.23).

Figura 9 –Prédio do Cine Teatro Éden depois da reforma, final da década de 1930.



Fonte: www.flickr.com/helderfontenele acesso:10/05/2016

Ao ser inserido no cotidiano do parnaibano, o cinema assume um papel inicial de casa de lazer, porém, também serve como forma de legitimação de camadas sociais mais abastadas na qual se fundamenta no discurso do progresso e da necessidade de lugares que marquem esse propósito e que modifiquem o contexto social a partir do econômico, no que se acentua na mudança estrutural paisagística da cidade, na construção de lugares que simbolizem esse progresso:

Parnaíba progride!...Acorda o futebol. De danças se organiza um clube colossal! O cinema atingindo o máximo ideal, Um prédio construiu brilhante como o sol! [...] Das ruas da cidade, e corre triunfal. Fundou-se um restaurante, coreto, especial [...]. Uma estrada de ferro invade o sertão nu. Ligando o litoral ao centro em um só elo. (ALMANAQUE, 1927, p.20).

A estratificação dos espaços era visível em alguns lugares da cidade, pois a elite se beneficiava por seu *status* ligado ao comércio, política, famílias tradicionais, a divisão de espaços era marcante em locais públicos, e a associação apenas da elite para frequentar determinado lugar, tal como o Cassino 24 de Janeiro como exemplo de *distinção social* pela elite, e de lugares públicos, na qual eram demarcados os acentos e setores para os mais abastados tais como na igreja Nossa Senhora das Graças e o Cine Teatro Éden;

A separação de classes existia em todos os setores e atividades da sociedade local; até mesmo nas igrejas havia bancos inteiros reservados, marcados com o nome da família importante que havia contribuído economicamente para as fianças da igreja. A tribuna de honra reservava-se para os dirigentes dos clubes, convidados ilustres e visitantes. No outro lado do gramado, ficava a geral, frequentada pela classe pobre, ou segunda classe, que pagava metade do preço das arquibancadas [...]. (REBELO, p.52, (s.d)).

No cinema, o Éden, essas marcações eram evidentes, onde a sua posição social era identificado a partir do lugar onde o sujeito se acomodava dentro do prédio. Onde eram delimitados os espaços de acordo com o modelo de sociedade classicista, marcante num contexto de ascensão econômica por parte de uma elite, em especial relacionada ao comércio, na qual marca seu status a partir dessas “pequenas” formas simbólicas;

O Cine Teatro Éden era um prédio antigo com plateia dividida em duas partes: a parte de baixo e a de cima. Um terço da capacidade de lotação da parte de baixo, mas próxima da tela de projeção, reservava-se para a “segunda classe” que pagava pela entrada metade do preço de “primeira classe”. “A primeira classe” ocupava os outros dois terços d lotação de

baixo, separada da “segunda classe” por uma pequena grade de madeira, com portãozinho no meio. A parte de cima compunha-se de duas alas de camarotes laterais, sustentados nos altos das paredes por pilastras que se reforçavam por travessas junto às paredes. (REBELO, p.82, (s.d)).

Como é percebida na indagação feita a partir da memória daquele período, a economia interferia nas relações, tanto sociais como espaciais, a estratificação dos espaços era nítida, uma vez que uma minoria detinha um poder aquisitivo forte, sendo que a maioria da população, a massa trabalhadora estava ligada à mão de obra das fabricas, estivas, lavadeiras e muitas profissões que marcavam a posição de uma camada social mais baixa em relação à elite; que dirigiam comércios, indústrias entre outros negócios. Segundo Renato Castelo Branco:

E entre as sacas e os armazéns, fervilhavam os estivadores, a catraia, os vareiros, os embarcações só de tangas, e pés descalços [...]. E entre esta população inquieta, brincalhona, debochada, passavam em manga de camisa os empregados de escritórios, lápis atrás da orelha, caderninho na mão, controlando as mercadorias [...], essa população, duas vezes maior que a de Parnaíba propriamente dita, vivia inteiramente em dependência da cidade – eram as empregadas domésticas, as lavadeiras, [...] os carregadores de água, os estivadores [...]. (BRANCO, 1981, p.20-21).

O Cine Teatro Éden foi um marcador importante em algumas práticas sociais daquela época, pois, enquanto às seções eram aguardadas toda uma atmosfera de relações eram criadas e estabelecidas no seu entorno, na praça da Matriz. Um encontro para conversas, a charanga que tocava, e as paqueras que se articulavam tanto dentro, como fora do prédio do Éden, o cinema atuando no cotidiano da população;

Na Praça da Matriz, nas noites de domingo, antes da seção de cinema, a charanga municipal tocava e as moças passeavam, para um lado, para o outro, olhando os rapazes, em grupos, nos cantos, quando passavam por eles. [...] Às vezes saíamos e íamos à *matinée* do Cinema Éden, com sua preciosa sala de espera *belle – époque*, [...] Ali se reunia, na *matinées* e *vesperais* [...] onde as moças e rapazes iam se encontrar para furtivos namoros, ou para ouvir a pequena orquestra que tocava os últimos *bits* musicais, antes de se iniciar a sessão. (BRANCO, 1981, p.20-71).

O perímetro da Praça da Graça ficava movimentado, em especial compreendida por sujeitos que esperavam as sessões do Cine Teatro Éden. Enquanto isso, estudantes conversavam na

praça e em frente ao Édén um cenário formava-se, em envolto a sociabilidades na qual espaço e sociedade dialogam. Sobre essas questões podemos observar através da imagem 10, a movimentação da cidade nos dias de espetáculos do Cine Teatro Édén.

Figura 10 – Movimentação na Rua Marechal Deodoro (onde funciona atualmente o “Calçadão”), na parte direita da imagem situa-se o Cine Teatro Édén com pequena aglomeração de estudantes e outras pessoas possivelmente à espera de uma das sessões, meados do final da década de 1920.



Fonte: www.flickr.com/helderfontenele acesso: 15/05/2016

As sociabilidades decorrentes do cinema e do seu entorno fizeram parte da rotina de Parnaíba de outrora, a cultura de frequentar o cinema fizera parte do cotidiano de muitos parnaibanos como pôde ser observado na imagem anterior, apesar da separação simbólica espacial. A respeito das sociabilidades, que caracterizaram esse lugar, “A sociabilidade é uma interação que não resulta de necessidades ou interesses específicos, mas que preserva a satisfação do estar socializado que acompanha o processo de interação” (CERQUEIRA, 2013).

Como podemos perceber na fala da pesquisadora, as sociabilidades, são caracterizadas por especificidades a partir de enredos sociais distintos, porém, cria uma necessidade de interação social na qual da “sentido” ao viver em sociedade, e ser “integrante” da mesma, ou seja, a “sociabilidade democrática”. Ao mesmo tempo em que distancias são criadas através das distinções sociais. Sobre isso:

Ao se despir desses interesses comuns, a sociabilidade não se esvazia de significado, ao contrário, passa a representar uma “forma pura” de interação. [...] através do contraponto entre proximidade e distância – ao mesmo tempo em que há um convívio multiplicado nesses espaços, há um comportamento

defensivo que além de “proteger” o indivíduo desse excesso de estímulo, serve como ferramenta de seleção. (CERQUEIRA, 2013, p.60-66).

Podemos perceber na citação anterior que as sociabilidades são reflexos de uma “necessidade” digamos assim de interação de ambos os sujeitos, e os lugares de interação, tais como o cinema traz essa possibilidade, claro, que cada sujeito relaciona-se e comporta-se de acordo com o seu lugar social.

Como podemos analisar, esse espaço era recheado de manifestações das mais variadas, desde o jogo social, podendo ser identificado a partir das sociabilidades, até a própria influência dos filmes e demais espetáculos apresentados no Éden. A tradição criada por esse lugar de produções marcaria o cenário da cidade no que concernem as relações sociais e, constituiria novos costumes do qual faria parte do cotidiano de uma boa parcela dos parnaibanos. A respeito dessas *tradições inventadas*, HOBBSAWM (1997) classifica três tipos de categorias;

[...] a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo [...] as socializações funcionalmente específicas dos diferentes grupos sociais [...] b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (HOBBSAWM, 1997, p.17).

Como podemos perceber, essas categorias se encaixam na dinâmica em que o cinema proporcionou, na qual podemos identifica-los trazendo para Parnaíba, letra a) a presença de classes distintas no mesmo ambiente o Éden, porém com suas segregações simbólicas e suas especificidades, b) legitimação das elites parnaibanas, sejam; políticas, comerciantes, industriais, que definiam literalmente sua posição e status, c) as sociabilidades, que através das produções mexiam com o imaginário do parnaibano, influenciando também no seu comportamento.

Esse contraste de realidades e complexidades que era Parnaíba, os vários locais que estão presentes na vida dos parnaibanos, tais como o cinema, clubes e demais casas de entretenimento, detinha de sua própria simbologia e representação, na qual definia os que estavam “aptos” a frequentar, e estabelecia a sua posição tanto nos locais, como no imaginário

através dos seus códigos e divisões próprias. A fala da pesquisadora TOURINHO (2015) elucida bem essa questão:

Em meio às complexidades sociais, conviviam grupos que tinham posses e/ou *status*, que ocupavam os camarotes e tinham acesso aos permanentes. E um contingente de trabalhadores (as) anônimos, homens e mulheres, “da primeira e segunda classe”, que se deslocavam pela cidade sob diferentes prismas e possibilidades. Seguindo as divisões próprias a um Teatro, o cinema agregava, mas não congregava os diferentes sujeitos sociais. (TOURINHO, 2015, p.91).

Como pode ser observado, o espaço criado para os espetáculos de filmes ou como apresentações teatrais são marcadas por lembranças de alguns personagens que se remetem ao Cine Éden com certa nostalgia, abordando as relações que se estabeleciam naquele local de grande movimento e indagando sobre a referência que era o cinema no cotidiano dos parnaibanos, tornando-se local não só de espetáculos, mas também de participação na formação do imaginário social.

O cinema entra de vez em uma rede global de informações, mostrando culturas através das telonas para diversos países do mundo. Com isso, o cinema torna-se uma ferramenta de comunicação forte e eficaz, impondo estilos de vida, comportamentos e mexendo com o imaginário. Sobre essas questões de massificação do cinema, reflexões serão feitas a respeito do seu uso e impacto na sequência da pesquisa.

2.3 O cinema como cultura de massa

O mundo no século XX é reflexo dos acontecimentos e consequentes transformações, sejam no campo político, social, relações espaciais, como também na economia, as quais observamos como um fator crucial e articulador de mudanças. A partir dessas análises é possível identificar as disputas, jogo de interesses, classes, formas de produção, e em especial, a organização da sociedade, enfim, esses são alguns elementos que são reflexos dessa dinâmica econômica, atingindo tudo e todos ao seu redor.

A forma com a qual o jogo de interesse da burguesia industrial/comercial atua, em especial, através do desenvolvimento tecno-científico, é utilizando veículos de comunicação no qual atingem uma grande quantidade de pessoas que podem ser chamados de “comunicação de massa” ou “cultura de massa”, entre elas; o cinema. Essa cultura, imposta

pela elite, é utilizada para “educar” a “massa” composta em sua maioria por trabalhadores proletários, articulada através dos seus veículos de comunicação seja no cinema, rádio, televisão etc.

Um fator marcante quando nos referimos à economia, é a revolução industrial, pois nela, modificou-se a forma de produção que agora passa a ser em escala gigantesca atendendo a uma maior demanda o trabalho, exploração da mão de obra, e conseqüentemente atinge e modifica a questão social; formação de classes, reivindicação por direitos e etc. O perfil de uma sociedade em que ocorre uma acentuada atividade econômica é variável e exposto a mutações, assim sendo modificados fatores já existentes e inseridos outros elementos advindos desse panorama.

A grande massa de trabalhadores constituía-se nesse período, em que os mercados do mundo todo se relacionavam, e que a produção industrial acelerava-se rapidamente, sujeitos as intempéries da economia agora em escala mundial sentindo-se exposta e sem nenhuma garantia de segurança financeira, ocorrendo assim o confronto de necessidades e intenções, a burguesia e o proletariado, essa questão irá marcar o perfil dessas sociedades direta e indiretamente envolvidas na economia de mercados.

Sobre a formação desses conceitos, a partir do crescimento econômico/industrial, da consciência de classe, direitos dos trabalhadores e os reflexos disso na sociedade, BRESCIANE (1989) aborda o perfil de duas grandes potências industriais no século XIX, enfatizando o aspecto social em detrimento do econômico, em que, o desenvolvimento dessas fábricas e indústrias é voraz. Paralelo a isso, dando margem ao que ela chama de “espetáculo da pobreza”, consequência do inchaço urbano nesses grandes centros. Sobre isso:

Em uma sociedade que se auto concebe como uma rede de relações mercantis, o que assegura a vida aos homens, que não sendo incapazes físicos ou mental, nem muito crianças, si dispõe do próprio corpo como mercadoria. Esses homens só podem representar um ônus econômico, pois seja por doação, seja pelo roubo, é sempre a apropriação de trabalhos de outros homens o que lhes permite ter a vida assegurada. [...] a classe trabalhadora se localiza dentro dos limites da sociedade, conquanto esteja ainda num nível de moralidade bem abaixo daqueles das classes altas [...] os que se recusam a participar dessa comunidade de trabalhadores aparecem como figuras exteriores a ela, como estranhos ao pacto constitutivo do social e da sua história. (BRESCIANE, 1989, p.93).

As principais características e intervenções ocorridas em uma cidade, na qual vive esse contexto de forma direta ou indireta de mudança na economia mundial, ocorrido e

influenciado pelas grandes potências europeias é, a questão urbanística, espacial, social, na qual, se faz necessário uma remodelação da cidade, para atender e acompanhar essa nova realidade. Claro tendo como referência os moldes europeus, e assim são criados sistematicamente lugares que fazem referência e que simbolizam essa nova realidade.

Essas mudanças refletidas pela forte atividade econômica trazem consigo o “custo social do crescimento econômico”, que interfere de forma incisiva nos valores e práticas sociais existentes e conseqüentemente no cotidiano de um determinado lugar. Alguns lugares são associados diretamente a esse novo contexto, como a sua criação fica a cargo de uma elite detentora dos meios de produção, na qual legitima sua posição na sociedade através desses espaços e o cinema em Parnaíba foi um desses espaços que assumiu essa nova perspectiva:

No século XX, à medida que as atividades econômicas permitiam, e se constituía uma elite mais ilustrada, ciosa de investimentos, foram viabilizadas instituições e obras que traduziam esse o sentido de pertencimento da cidade ao mundo moderno. [...] O cinema, sem dúvida, ocupa um espaço privilegiado [...] (BRESCIANE, 1989, p.95).

O contexto social é fortemente modificado, pois, classes são formadas, e a partir disso as disputas são inevitáveis. Um grupo busca legitimar seu poder, e o outro busca direitos. Um constante jogo de interesses entre os extremos desse modelo de sociedade, sujeitos e grupos com distintas posições. Sobre essa relação BRESCIANE (1989) ao analisar o contexto das sociedades que viviam o boom da explosão industrial em Londres e Paris no século XIX nos fala: “A peculiaridade das figuras permite-lhe agrupá-las e ao mesmo tempo hierarquizar os grupos”. (BRESCIANE, 1989).

As cidades que viveram intensamente, ou foram influenciadas por essa forte economia mundial, baseada principalmente na industrialização/comercialização, tiveram uma sutil, ou forte influência a mudanças advindas dessa nova realidade, cada uma com sua especificidade, suas características culturais, tradições e valores que foram sendo entrelaçadas a novos, assim como esses novos modificam o cotidiano e às vezes se chocam com as práticas tradicionais. E assim, Parnaíba não foi diferente, onde traços e características de culturas europeias, advindos da comercialização/exportação, podiam ser percebidos sutilmente na parte centralizada da cidade:

O início do século XX, com o auge das exportações, marcou um novo tempo, o da expansão ferroviária do Brasil, influenciado pela industrialização europeia. [...] Na arquitetura marcada pela implantação do estilo eclético que passa a dominar o cenário urbano [...] em Parnaíba [...] as

fachadas dos palacetes e das residências eram rebuscadas, com a utilização de diferentes elementos arquitetônicos [...] (MOTTA, 2010, p.222).

Os reflexos desse panorama comercial/industrial estão para além simplesmente das atividades de produção/venda/trabalho, atingem também a questão do lazer, entretenimento, pois, nesse período do início do século XX, as práticas culturais ganham novas proporções com o desenvolvimento do teatro, da fotografia e também do cinema. Essas atividades foram fundamentais para que valores, estilo de vida, e a cultura em si de uma região chegassem a outras através dessas produções e representações.

Como diversão, o cinema entra numa longa linhagem de maquinários e de atrações fantásticas, fantasmagóricas, assombrosas, [...] os cenários eram construídos com a preocupação e o cuidado de aproximar o resultado da filmagem das coisas naturais ou até espetaculares, mas que tivessem em parte na memória e na experiência do espectador. (QUEIROZ, 2008, p.09).

No Brasil, grupos ligados a elite fomentam a disseminação da cultura cinematográfica no país. Sendo observadas tais proporções alcançadas pelos cinemas estrangeiros, agora a preocupação desses grupos volta-se para a implantação de uma cultura de massa no intuito da formação de um mercado de produção e industrialização do cinema. Sobre isso:

Debatem-se questões como a concorrência com o filme estrangeiro, a questão de mercado e da técnica de produção. O INC adotará, no entanto, o caminho de incentivo à digestão dos padrões internacionais como forma de produção do que seriam os padrões nacionais e vai considerar popular o filme que tiver mercado, que conquistar o público, tendo a industrialização do cinema como grande preocupação, já que, dominados por intelectuais ligados à burguesia paulista, volta-se para a implantação de uma cultura de massas no país [...]. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.296).

A tecnologia desenvolvia-se de modo acelerado. A economia, em especial dos países com um índice industrial/comercial alto, proporcionava essa realidade. Essas práticas como, o teatro, cinema e a fotografia, expandiram as fronteiras e o conhecimento de mundo, pois evidenciavam outros modelos de sociedade, modo de vida, lazer, o modo de se vestir, relação de trabalho, assim influenciando negativa ou positivamente a quem o atinge.

A experimentação científica e mecânica. Matriz desses diferentes aparelhos, não estava apenas a serviço da produção industrial. Fazia desenvolver-se, e a olhos vistos, a indústria da diversão, cada vez mais transformada em

diversão de massa. [...] inicia-se a construção de estética que vem a ser própria do cinema mudo. Essa estética enfatiza gestos, movimentos, situações, deformações, detalhes, dimensões caricaturais, maquilagem, vestuário, cenários, mobiliário [...]. (QUEIROZ, 2008, p.08).

Dentro dessas transformações o cinema assume um papel importante, e a partir dele podemos observar como a sociedade absorve essa nova realidade, na qual o cinema apresenta moldes social/culturais, as suas complexidades se articulam simplesmente na própria relação da localidade com o cinema, ao frequentarem distintas camadas sociais, a visão do cinema como um símbolo da modernidade e progresso, o acesso a essa “casa de entretenimento”, simbologias e representações se fazem presentes “a luz da tela”.

O mundo se faz presente através de representações, sejam culturais, padrões, estilos e também de identidades por meio das produções artísticas. Sendo assim o cinema tem a capacidade de mexer com o imaginário das pessoas fazendo com que se construam novos conceitos comparando-os e constantemente contrastando com os tradicionais, a ideia do micro, baseado na referência local, agora passa a ser macro, na qual o mundo, representado através dessas manifestações culturais distintas passe a ser evidenciado.

Um ponto que deve ser observado remete a essa gama de informações e referência de outras sociedades. Até que ponto essa influência se faz presente, pois, rótulos e modos de vida são abordados de forma incisiva, e, como essa informação é absorvida pelo sujeito torna esse veículo de informações, que é o cinema, uma peça importante para os mais variados interesses.

Entramos em uma era em que o mundo é entrelaçado pela troca e exposição de informações e esse panorama interfere direta e indiretamente no cotidiano e no social de uma cidade, pois o mundo moderno estabelece esses parâmetros com os quais o simbolize e legitime, ou seja, o cotidiano passa a ser influenciado através dessa ânsia pelo moderno, ao menos de início incitado por uma elite interessada nas suas possibilidades.

O raio de ação dessa indústria cultural torna-se vasto e a partir disso, reflito sobre essa atuação. Quais são suas consequências no contexto social de uma cidade, na qual cada lugar possui sua referência ou referências culturais características, esse leque de informações, imagens, em que o cinema retrata, tem possibilidade de modificar certos valores, tradições, e ao mesmo tempo construir novas representações? Esse é uma questão bem complexa e que vale a pena ser trabalhada.

A identidade de um sujeito remete à suas representações e referências, na qual possibilita ao indivíduo sentir-se pertencente a algo. A consequência dessa indústria cultural é, a de levar estruturas culturais distintas para vários lugares, então, esse sujeito/sociedade será /serão modificados por essas influências? E a identidade local permanecera a mesma? A de se pensar que de uma forma ou de outra isso vai se refletir de alguma forma.

Sobre a questão da identidade, Stuart Hall a interpreta como um conjunto formado por simbologias, e que está em movimento, na qual sua caracterização se dá através de uma rede de conexões que liga o sujeito a um determinado espaço/tempo. Sobre essas questões Stuart discorre: “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987).

A modernização das cidades e tudo que vem com ela, como por exemplo: as representações culturais, tiveram um forte impacto nesses espaços, onde novas simbologias iam aparecendo e mexendo com o imaginário e o cotidiano, sobre tudo interferindo nos valores e costumes. Sobre esse aspecto da modernização refletindo nas identidades HALL (1987) diz que:

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. E ainda completa; “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constante, rápida e permanente. Está é a principal distinção entre as sociedades “tradicionalistas” e as “modernas”. (HALL, 1987, p.13-14).

A cultura agora passa ser usada de forma comercial, ou seja, várias produções feitas em diversos lugares, na qual mostram características de determinadas lugares, sejam abordados das formas mais diversas, passam a ser vendidas para outros, gerando dinheiro e movimentando a economia principalmente à dos países mais ricos, tais como França, Inglaterra e de forma destacada os Estados Unidos por investirem um capital gigantesco nas suas produções cinematográficas.

Um ponto a ser desenvolvido remete ao uso e finalidade desse cinema, pois, o interesse na produção de determinados filmes, em determinadas circunstâncias, estão relacionados a um caráter disciplinatório, padronizador, rotulador, ideológico, e claro voltado principalmente para uma sociedade capitalista consumidora, na qual aos poucos vai atingindo

as grandes massas, afetando o seu imaginário construindo novas necessidades e ao mesmo tempo desconstruindo as antigas, ou seja, um choque de referências.

A referência de cultura local através da tradição e costumes ficou exposta com o advento da “modernização” e suas características, entre elas, destacam-se a rede de comunicações, e conseqüentemente a indústria cultural. Sobre essa relação de moderno e tradicional, HALL (1987) diz que: “As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 1987).

Sobre os impactos que essa gama de informações e representações distintas que atuam em torno do sujeito e sociedade, Stuart afirma que esse sujeito reage de acordo com o seu modo de absorver essas informações, daí essa influência se reflete no seu comportamento diante da sociedade. A respeito dessas relações HALL nos fala: “Essa “internalização” do exterior no sujeito, e essa “externalização” do interior, através da ação no mundo social constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno [...]” (HALL, 1987).

Na citação anterior podemos perceber na fala do pesquisador, o impacto em que as informações e mecanismos externos podem causar no sujeito, onde o ser é embutido de representações e valores no qual, influências e aspectos da vida social podem modifica-los ou vice-versa, o sujeito pode utilizar de suas referências internas para valorar ou interpretar o externo.

Os jornais, cartas, revistas entre outros elementos característicos, que tinham a função de passar informações na intenção de atingir o maior numero de pessoas possíveis com o advento das novas técnicas e tecnologias outras formas de divulgar assuntos e passar informações foram sendo articulados. É nesse contexto que o cinema vai ganhar uma grande importância devido o seu impacto na sociedade, atraindo e impressionando o espectador com suas produções: ou seja, a riqueza de detalhes, as imagens todo aquele ambiente construído, tudo isso mexe com o imaginário das pessoas.

Essa determinada cultura que atinge a massa, é articulada através de mecanismos de interesse econômicos, políticos, sociais, ideológicos. A sua utilização anseia distintas intenções e conseqüências, entre elas, destacam-se as produções dos países que detém uma economia forte, tais como Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha. A principal intenção das produções dessas determinadas potências, era a de, criar novos hábitos, seja no vestuário, aquisição de produtos, relação de consumo.

Em meados do século XIX, muitos países, em especial na Europa, tiveram um rápido avanço industrial e conseqüentemente, aumentaram a sua população urbana em

detrimento dessa necessidade de mão de obra para as indústrias. Esses contingentes de pessoas que moravam em zonas rurais migraram para as cidades constituindo em algumas regiões um gigantesco aglomerado de pessoas tais como Londres e Paris, e a partir desse panorama de acelerado desenvolvimento estabelecem-se mudanças no comportamento, relações sociais, e principalmente o consumo. Trazendo para o contexto local, de Parnaíba, podemos notar sutilmente algumas dessas referências influenciadas pelo cinema/comercial ao analisar o vestuário, adereços e outras insígnias que são “vendidas” através da tela, a partir do relato de ARAKEN:

Uma pequena multidão vai entrando pela porta principal do cinema, Senhoras em seus melhores trajes e jóias. Homens em sua fatiosa domingueira. [...] Um perfume bom paira no ar. [...] Na meia luz que precede a exibição de películas [...] barulho dos leques das damas, o farfalhar das sedas dos vestidos, e o murmúrio civilizados do pessoal de boa linhagem. (ARAKEN, 1995, p.34).

Como podemos observar a cinematografia durante o tempo, vai ganhando novos contornos, intenções e objetivos. As cidades que tiveram seu eixo econômico baseado principalmente na exportação/importação, assim como Parnaíba, ficaram mais propensas, por parte da elite a adquirir produtos e serviços que se davam a luz da telonae que marcadamente os diferenciavam e inseria-os no mundo moderno.

Nesse exato momento faz-se necessário a construção de novos padrões de vida estabelecidos a partir dos interesses dessa industrialização que cria novos produtos, serviços e que apresenta uma forma de viver bem e feliz. Essas características de modelo de sociedade ideal são inculcadas nas pessoas que vivenciam diretamente esse panorama de desenvolvimento econômico e conseqüente mudança de hábitos, costumes, tradições, ou seja, tudo que faz parte da cultura de uma região, e a partir desse momento encontra-se envolvida na teia capitalista.

3.0 CINE TEATRO ÉDEN, ESPAÇO CULTURAL

Neste ultimo capitulo abordo a questão do espaço cultural em que se constituiu o Cine Teatro Éden, sendo que o mesmo palco que projeta os filmes através da telona, também é utilizado para outras atrações culturais e de entretenimento, sejam musicais, teatrais e ate mesmo de utilidade publica, com solenidades e outros eventos. Notadamente um lugar que se relaciona com a cidade e seu cotidiano.

No último subtópico observo o aspecto comercial e de influência de algumas produções apresentadas no Éden, fazendo um paralelo com as movimentações da economia da época que exportava, e principalmente importava alguns produtos, muitos deles divulgados na telonaa agora introduzidos na cidade através das casas comerciais sendo absorvidos e consumidos por parte da sociedade parnaibana.

3.1 Cine Teatro: projeções e apresentações.

Desde a sua construção na qual possuía um espaço grande confortável, em que comportava muitas pessoas no seu interior, o Cine Éden durante o tempo foi sendo utilizado para diversos fins como, peças teatrais, pois também era desenvolvido tais espetáculos, seja para a própria apresentação de filmes, em especial produções Westerns¹¹. Nesse espaço também se sucederam reuniões, comemorações das mais diversas, e a relação do cinema com a cidade era muito expressiva.

Falando do seu uso diversificado notamos no Cine Teatro Éden na referência a seguir, em comemoração ao primeiro centenário da cidade, a sua utilização no âmbito de prestação de serviços tal como a entrega de diplomas e outros acontecimentos sociais importantes:

No Cine –Teatro Éden, entrega de diplomas as professoras de 1944, da Escola Normal de Parnaíba. [...] Sessão solene no Cine-Teatro Éden, alusiva à data, presidida pelo Sr. Dr. Mirócles Campos Vêras, Prefeito Municipal [...] Entrega de certificados aos alunos do Ginásio Parnaíbano no Cine-Teatro Éden [...] (LIVRO DO CENTENÁRIO DE PARNAÍBA, 1944, p.350).

¹¹O western é considerado o gênero cinematográfico norte-americano por excelência. Com os primeiros filmes em que aparecem cowboys datando da virada do século XIX para o século XX, o Western inclui-se entre os primeiros gêneros de filmes narrativos da história. (MASCARELLO org. 2006, p.159).

Como podemos perceber o lugar de produções cinematográficas, também estava atrelado a outras apresentações culturais das mais variadas possíveis, cenário esse que movimentava as tardes e noites de muitos parnaibanos. A importância que o Édén teve para a produção teatral foi muito relevante, pois na época a cidade não dispunha de um teatro para tais apresentações, com isso o espaço grandioso do Édén foi utilizado para essas encenações. Sobre isso (CASTRO, 2000) nos fala: “As peças do Grupo Sociedade Dramática de Parnaíba eram ensaiadas no salão paroquial e apresentadas no Cine Teatro Édén [...] naquela época, o Grupo já lutava pela construção de um teatro na cidade.”.

No Cine Édén, além dos filmes, muitos parnaibanos desfrutaram desse ambiente diversificado de atrações, onde o seu espaço assumiu um papel de centro cultural importante para a época entreterendo, divertindo e enriquecendo o dia-a-dia da população com um espetáculo mais interessante que o outro. Ainda falando sobre essa relação Cinema – Teatro, MOURA em sua poesia fala dessa relação ao comentar o Bar Carnaúba, na qual ele aborda um pouco o cotidiano em que o Cine Teatro fazia parte: “Desce a noite. E a praça está lá: serenamente corre como um rio. Branco colar de contas, sem fio. Entro no teatro para assistir a um filme. Bar Carnaúba de ontem, ainda te bebo lembrança, liberdade curtida. Você não caiu.” (MOURA, 1983).

As atividades desenvolvidas como podemos analisar, eram bem dinâmicas e vastas, e o acesso a elas, como já discuti anteriormente, era articulado no interior do Édén, através de separação espacial dos lugares, onde a elite detinha de camarotes na qual os identificavam como sujeitos sociais distintos da outra parte que era a população menos abastada. Nesse mesmo contexto, na capital Teresina, a situação não era bem a mesma, pois o acesso a determinadas atrações culturais e casas de entretenimento eram bem específicas quanto ao seu público, podemos perceber isso em um fragmento do ALMANAQUE DE PARNAÍBA (1974) na qual Bugyja Brito afirma:

O teatro só funcionava para a sociedade alta assim como o cinema que era mudo, mas seletivo e com sessões apenas noturnas e bissemanais as quintas e domingos. Nós lá em casa tínhamos o privilégio de ir ao cinema por que nossa mãe era pianista da orquestra. [...]. Havia vida teatral no 4 de Setembro, mas isso não era para menino, principalmente menino pobre, sem expressão social e financeira. (ALMANAQUE, 1974, p.108).

A diferenciação de ambas as cidades com relação à plateia que prestigiava os espetáculos é considerável, pois apesar de o cinema Édén ter sido construído em Parnaíba

num período em que a elite almejava uma modernização apesar de todo esse panorama, não encontrei vestígios ou referências que caracterizassem uma exclusividade ou seleção quanto aos seus frequentadores, tal como se configurava o contexto analisado em Teresina. “A população desprovida das insígnias de distinção, designada pelo sobrenome, e pela atividade que desenvolvia, era parte da cidade e de alguma forma, aparece nos registros sobre encontros festivos que aconteciam” (TOURINHO, 2015, p.87). E ainda falando sobre essas diferenças:

Apesar das diferentes fronteiras, comuns às sociedades estratificadas por distintos referenciais, a população, desprovida das insígnias de distinção-designada pelo sobrenome, e quando estrangeiro, pela atividade que desenvolvia - era parte da cidade e, de alguma forma, aparecem nos registros sobre a mesma. (TOURINHO, 2013, p.11).

Diferentemente dos espectadores do cinema, que uma boa parte da sociedade tinha acesso como observamos na citação anterior, na cidade de Parnaíba havia uma prática para aqueles que não tinham acesso aos bailes do Cassino 24 de Janeiro por ser um espaço de “distinção” social, seja por pouca condição financeira, ou por não deter de influência e status. Essa prática que na qual ficou conhecida como *sereno* consistia-se em ficar olhando através das janelas do cassino o que acontecia por lá, utilizando-se de cadeiras ou banquetas, tudo que fosse preciso para se acomodar e melhorar a visibilidade:

Antes de a festa começar, já a rua Grande, digo rua Presidente Getúlio Vargas, estava apinhada de gente, esperando a entrada dos que iam para o baile. Alguns levavam até cadeiras, para treparem em cima e poderem ver melhor, ou para descansarem, de intervalo a intervalo. Havia às vezes mais gente no *sereno* do que no próprio baile. (BRANCO, 1981, p.62).

Como podemos observar, através desta prática, Parnaíba por possuir em sua maioria, pessoas de pouco poder aquisitivo, uma boa parte dessa parcela dava um jeito de observar as festas da “primeira classe”, sendo parte integrante daquele contexto, daquele cotidiano, porém, ambas as “classes” com distintas perspectivas.

A prática do *sereno* foi comum ao universo social de Parnaíba até quando os clubes do centro desapareceram, entraram em decadência ou, em alguns casos, são transferidos para uma área da cidade denominada “Beira Rio” entre as décadas de 1950 e 1960, a nova arquitetura dos clubes impunha muros, grades e um maior distanciamento da rua e dos olhares curiosos. (TOURINHO, 2015, p.86).

O Cine Teatro Édén surgiu em um contexto de aspirações modernizadoras por uma elite predominantemente comercial assim essa elite na qual além do domínio econômico também detinha o político, elaborou uma série de estratégias para remodelar a cidade, e uma delas foi à construção de alguns palacetes imponentes que davam um destaque na estética e estrutura urbana da cidade e um desses palacetes foi o Cine Édén, e, como outros, construído por estrangeiros que viviam e trabalhavam na cidade. Sobre esse panorama:

Esta onda de modernização fazia parte do progresso e Parnaíba vivia-o intensamente. As cidades que não se adequassem a esta nova ordem, constituíam-se como atrasadas. A elite inicia assim, as transformações necessárias para colocar Parnaíba dentro dos padrões modernos. A partir da década de 1920, este processo de modernização iniciasse com bastante força em vários setores: [...] No lazer, com a inauguração do Cine Teatro Édén, em 1 de novembro de 1924 [...] são apenas algumas das transformações ocorridas na cidade durante seu período áureo da economia. (II PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO PIAUÍ, 1980/1983, p. 27-28).

Ainda falando dessa estrutura de Palacetes na qual, nas décadas de 20 e 30 foram construídos alguns na região central, na Rua Grande (atual Avenida Getúlio Vargas), e ao entorno da Praça da Graça principalmente, que davam um novo contraste da paisagem parnaibana e entre eles estava o Cine Teatro Édén, na qual apresenta um relato retirado do Almanaque de 1927, intitulado *Progressos* que diz: “Parnaíba progride!... Acorda o futebol. De danças se organiza um clube colossal! O cinema atingindo o máximo ideal, um prédio construiu brilhante como o sol!” (ALMANAQUE, 1927).

Do mesmo modo em que antes do Cine Teatro Édén, ambulantes que apresentavam “esboços” cinematográficos, com sua técnica rudimentar com panos, telas e produtos químicos, agora a cidade detém um espaço apropriado para exibições sejam de cunho cinematográfico ou teatral, ampliando o leque de eventos culturais distintos, sobre isso, Rebelo, no seu livro; *Tempos que não voltam mais: Crônicas sobre a Parnaíba Antiga*, indaga sobre essas movimentações artísticas de entretenimento que aconteciam no Édén em meados da década de trinta:

Seu palco servia para representações teatrais, principalmente com pequenas companhias itinerantes, que passavam pela cidade. Muitas vezes apresentou espetáculos de Box, nos quais se Salientava o Clemente, Campeão parnaibano daquela época e instrutor de ginastica no ginásio parnaibano. (REBELO, p.60, (sd))

Com relação aos filmes que eram apresentados a época, o cinema desenvolvido através do cinema mudo, até o início da década de trinta, o primeiro cinema a possuir a fala em Parnaíba foi o Cine Teatro PioXI:

O cinema Apollo, situado na Praça N. S. das Graças, com a esquina da atual Rua Professor Darcy Araujo. Pertenceia a Paroquia que, por inspiração partidária, mudou-lhe o nome mais adequadamente para Cine-Teatro Pio IX. Começou muito bem apresentando ótimos filmes de comédia fina. Foi o primeiro a inaugurar o cinema falado em Parnaíba, no ano de 1932, com o filme “Fantasias de 1980”, musical cômico [...]. (REBELO, p.59, (sd))

Nas décadas de vinte e trinta, a arte cinematográfica ia desenvolvendo-se, com nova aparelhagem, pois o cinema chamava cada vez mais atenção do público, que o absorvia e adequava-o ao seu cotidiano. É nesse momento que a indústria de Hollywood se dissemina por todo o globo, levando a cultura e conjuntura social dos norte americanos, ao menos os que os interessava passar nos filmes, esse produto cultural de massa foi vendido para vários lugares do mundo e o Brasil não seria diferente.

Uma relação forte que a cidade de Parnaíba tinha com Estados Unidos e Europa, se deu através do panorama de relações comerciais, mais precisamente de matérias primas e extrativismo. Agora essa relação dar-se-á também pela chegada das produções cinematográficas para serem apresentadas nos cinemas da cidade na qual até meados do final da década de trinta eram três, o Cine Pálace, Cinema Apollo (depois modificado para Cine – Teatro Pio XI) e Cine Teatro Éden.

Para identificarmos essa forte presença de produções em especial, estadunidenses, podemos observar através dos memorialistas, que discorrem sobre os respectivos cinemas e os filmes que eram apresentados nas noites de Parnaíba de 1930:

[...] Cine Pálace, de propriedade de senhor Nestábolu Ramos [...] seu chão era de tijolos cozidos e bancos compridos sem encosto; atendia a uma clientela modesta. Chegou a apresentar bons espetáculos de Farwest, Tom mix, William Farnun e Buck Jones. Mas creio que sua contribuição maior foi o mérito de apresentado seriados de índios das pradarias centrais dos E.E.U. U [...] (REBELO, p.59, (sd))

O Cine Teatro Pio IX já era de cunho religioso, sempre apresentava encenações, sejam peças teatrais ou filmes que relatavam passagens bíblicas ou paixão de cristo em especial durante a Semana Santa. Em seus filmes, como não poderia ser diferente, teve uma

massiva participação das produções cinematográficas estadunidense, abordando características da cultura norte americana:

Outros filmes notáveis seguiram-se, acompanhando o vertiginoso desenvolvimento da indústria cinematográfica de Hollywood: - ZigfriedFollies, musical maravilhoso biografando a vida de famoso empresário teatral, Zigfried; - Cabana do Pai Tomás, drama retratando a brutalidade da escravidão no Centro sul dos E.E.U.U.(REBELO, p.59, (sd))

O Cine Teatro Éden apresentava produções diversificadas, se comparado aos outros dois, pois o leque de filmes que eram abordados era bastante variado. Podemos observar isso nesse relato:

O Cine Teatro Éden foi o que mais durou. Apresentou grandes e inesquecíveis filmes, principalmente na fase muda, entre outros; - o Rei dos Reis, [...] o Corcunda de NotreDame [...] A patrulha da madrugada [...] filmes sobre combates aéreos da grande guerra, tendo enxertadas algumas cenas reais da Guerra, pela primeira vez num filme. [...] BemHur, com RamomNovarro, primeiro filme de longa metragem apresentado em Parnaíba. Passou em duas metades, em dois dias alternados [...] (REBELO, p.59-60,(sd)).

Ainda abordando essa presença forte de apresentações de filmes Westerns, no livro de Goethe, em um tópico chamado Rei dos Reis e a Bandeira, observasse a tendência forte nesse tipo de produção norte americana:

Pelos idos de 1930, Parnaíba ainda era uma cidade muito pacata, com pouquíssimos lugares para distrações. O melhor era um pequeno cinema, que levava quase sempre seriados de “mocinho” do Faroeste [...] todos eles em “preto e branco”, sem som e divididos em partes, correspondentes aos rolos de filme, o que obrigava aos constantes intervalos de uma sessão. (REBELO, p.37, (sd))

No final da década de vinte e até meados do início de trinta, era a fase muda do Cine Teatro Éden, como também em preto e branco. Para solucionar tais fatos, o seu dono aproveitou que a banda municipal tocava praticamente todas as semanas na Praça da Graça e a contratou alguns músicos para fazerem uma espécie de “sonoplastia”, dando mais vida e emoção às cenas dos filmes apresentados:

Para quebrar a monotonia de falta de som nos filmes, era praxe usar uma pequena orquestra composta normalmente de um piano, um violino, e uma flauta, que procurava tocar musicas que mais ou menos se encaixassem com o enredo dos filmes, como por exemplo; valsas românticas nas cenas de amor. [...] Já por muitos anos seguidos que, durante a Semana Santa,

passavam O Rei dos Reis. A pequena orquestra ia tocando músicas de acordo com o enredo. [...] Os gestos exagerados e as mímicas faciais de grande efeito, traduziam as sentimentos de amor, ódio, desprezo, etc., que a pequena orquestra local procurava ressaltar com um fundo musical apropriado; porém, às vezes a combinação cena-orquestra não resultava muito apropriada e sobrevinha um desastre. (REBELO, p.37,(sd))

O Cinema, em especial o Cine Teatro Éden, foi um dos instrumentos que compuseram, digamos, uma nova expectativa de realidade social parnaibana, trazendo novos hábitos, comportamentos, apresentados outras formas de conduta, que atingem tanto as esferas, social, cultural, o cotidiano, ao mesmo tempo em que legitima certas camadas sociais, isso ocorre através das relações sócio – espaciais e sócio – econômicas.

A relação cinema, questão social, e cotidiano; “Além da praça em si, no perímetro dela concentravam-se, bares, cinema e os clubes. Eram locais frequentados por diferentes sujeitos sociais, além de ser o espaço mais concorrido das festas religiosas” [...]. (TOURINHO, 2013). Podemos notar que, muitos frequentavam tal perímetro, mas cada sujeito consciente do seu papel social, através de sutis ou escancaradas representações e simbologias, sobre isso:

O acesso aos bens de civilidade de sociabilidades partilhados por uma mesma comunidade cidadina estabelecem encontros, mas as fronteiras estão lá e podem ser de diferente natureza. A decoração do lugar, comportamentos, ou até mesmo o tipo de iluminação que acompanhavam uma determinada festa, demarcavam ambiente e status. (TOURINHO, 2013, p.09).

Como podemos perceber nas análises anteriores, o cinema figura como lugar/espaço de sociabilidades e diferentes representações. Onde ele é absorvido e reproduzido. Na sequência abordo o fator representação, em que o cinema influência e alimenta o imaginário de sujeitos, na qual introduz modelos, estilos e comportamentos de alguns lugares apresentados a partir da telona.

3.2 O Éden no campo das representações

As representações são articuladas em grande medida pela “apropriação de sentidos que os grupos ou indivíduos fazem do mundo”. Tais aspectos formam e legitimam

grupos, ligados por uma teia simbólica de representações na qual se constituem e criam mecanismos de pertencimento e significados. Sobre o impacto das representações:

[...] as tentativas de decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meada das relações e das tensões que a constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, [...], uma rede de práticas específicas), considera-se não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, [...] pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, p.177).

Na fala de CHARTIER (1991) a respeito das representações notamos que elas são um conjunto de práticas e significados simbólicos na qual dão sentido a um indivíduo ou grupo, e os identificam. O cinema em Parnaíba, mas precisamente o Cine Teatro Éden, também estava envolto ao campo das representações, pois nos seus filmes e demais produções, eram apresentadas referências sutilmente absorvidas por seus frequentadores, e conseqüentemente reproduzidas pelos mesmos. O cinema influencia e motiva aspirações acerca da formação dos imaginários, e se constitui como “agente modelador”. Segundo BACZKO:

A invenção de novas técnicas, bem como o seu refinamento e diferenciação, implicavam a passagem de um simples manejo dos imaginários sociais a sua manipulação cada vez mais sofisticada e especializada. [...] O imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comporta-se de determinada maneira. [...] suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação em comum. Por exemplo, as representações [...]. (BACZKO, 1985, p.300-311).

Essa relação, imaginário simbologia e poder e bem tênue, pois se entrelaçam em um jogo de poderio e domínio das representações, sejam sociais ou políticas. A dinâmica da representação por muito, induz ao pensamento coletivo o imaginário coletivo, que pode surgir de um discurso, ou apropriação das simbologias existentes em um meio social. Sobre isso BACZKO comenta:

Por detrás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, no seu estado de nudez, despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações, etc. [...], e ainda completa dizendo; [...] Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. (BACZKO, 1985, p.297-298-299).

Falando da influência de produções cinematográficas estadunidenses, mexendo com o imaginário de muitas crianças e adolescentes principalmente que observavam aqueles filmes de Bang –Bang e faroeste imaginavam-se naquele cenário. BRANCO relata no período em que vivenciou esse contexto parnaibano quando criança apresenta sobre esses filmes fazendo uma comparação, em que observa a influência daqueles filmes, e dos agentes sociais locais em que suas realidades não são abordadas; “Éramos Tom Mix, Mary Walcamp, Buck Jones, mocinhos, mocinhas e bandidos, que nossos heróis já nos vinham do cinema americano e não da saga de Antônio Silvino, Maria Bonita e Lampião”. (BRANCO, 1981).

Assim estas referências do cinema, que incorpora vários significados a quem o prestigia, e também aproximar, através das próprias experiências e vivência, sobre situações, contextos e cenários. “O exótico podia até tornar-se uma parte ocasional, porém previsível da experiência cotidiana, como no show do Oeste Bravio de Búfalo Bill, com seus igualmente exóticos cowboys e índios [...]”. (HOBSBAWM, 2009).

Através dessas referências, analisemos o nível de representação e influência que o cinema, em especial o Cine Éden, tinha em relação à sociedade. Com uma elite, formada pelo arranjo econômico voltado principalmente pelo setor de exportação, tais como as casas comerciais existentes, essa elite utiliza de mecanismos de modernidade para obtenção de uma “nova” Parnaíba que consome e utiliza produtos importados das grandes metrópoles industriais mundiais, entre esses mecanismos está o cinema.

Sobre esse panorama da cidade em que novos ares estão surgindo de acordo com os contornos econômicos de Parnaíba: “Esse contexto de modernização dos espaços e economia ativa fez surgir uma elite comercial abastada, portadora de capital e de mentalidade empresarial. A cidade colonial aos poucos foi se transformando” (MOTTA, 2010).

Como podemos perceber na referência anterior, a cidade ia ganhando muitas perspectivas, em especial por parte da elite, que consome produtos e tem uma vida social ativa. Já no final da década de vinte, as produções cinematográficas já estavam sendo apresentadas para os parnaibanos.

Através das representações norte americanas nos almanaques do período em questão podemos analisar tais presenças por meio da utilização de imagens de atrizes estrangeiras compondo os conteúdos do Almanaque, expondo o estilo de mulher “moderna” vindo das telonas para os demais leitores.

Os filmes apresentados no Cine Teatro Édén eram repletos de elementos vindos da moda entre outros, apresentando culturas distintas em especial às dos países industrializados e em constante modernização, os filmes apresentavam estilos diversos baseado no “homem e mulher modernos”.

Essa imagem é apresentada com glamour e requinte, pois as produções cinematográficas apresentam características próprias e fomentam o consumo de produtos e artigos com o qual muitos países importadores como o Brasil obtêm relação comercial com as grandes potências exportadoras de filmes e produtos, disseminando tal relação para vários lugares. Sobre essa referência de “mulher moderna” do almanaque:

Figura 11 – Kathryn Carver, atriz atuou em alguns filmes nas décadas de vinte e trinta pela Paramount Pictures¹².



Fonte: Almanaque de Parnaíba – 1930

O papel das telonas na construção da imagem feminina muito contribuiu para que as espectadoras consumissem não só apenas o filme em si, mas todo o contexto que se queria criar, ou seja, uma mulher moderna que frequentava clubes, cinemas que utilizava perfumes importados entre outros artigos denotando um novo modelo feminino que consome tais produtos e frequenta determinados lugares.

¹² A Paramount Pictures é um dos principais estúdios de cinema dos Estados Unidos, fundado por Adolph Zukor em 1912, foi um dos maiores e mais lucrativos estúdios de Hollywood nos anos de 1920, 1940 e 1970. https://pt.wikipedia.org/wiki/Paramount_Pictures.

A partir disso, trazendo para referencia local, identificamos tais características em um fragmento do Almanaque de trinta intitulado “Mulher Moderna”, “A mulher pra ser moderna deve adaptar ao sistema de saber cruzar a perna e frequentar ao cinema. A carioca da gema preza-se de [...] fumar, dançar, jogar [...]”(ALMANAQUE, 1930).

E ao lado desse texto contém a representação da mulher parnaibana “moderna” apresentada por uma normalista, culta e vestida de acordo com a “moda” como podemos analisar na imagem 12, exposta como referência de comportamento e estilo próprio a imagem toma uma característica de influência e é apresentada como um modelo a ser seguido:

Figura 12 – Professora Normalista de Parnaíba final da década de 1920.



Fonte: Almanaque de Parnaíba – 1930 .

O almanaque teve um papel crucial no que infere a oferta de diversos produtos. Juntamente com o cinema o almanaque através de fotografias de homens e mulheres bem trajados, muitos usando artigos importados, denotando luxo e elegância. O perfil era montado assim como no cinema e imposto para seus leitores de forma a influenciarem-nos a consumirem os produtos para que possam ser sujeitos “modernos” pertencentes ao modelo imposto como “tendência social”. Sobre essa questão:

As fotografias apresentadas ao longo da publicação ilustram os temas caros ao editor e seu público, como aspectos modernizadores da cidade [...] Muitas

vezes as fotografias são escolhidas para representar tendências sociais, políticas, religiosas ou econômicas [...] (MOTTA, 2010, p.256).

Muitos desses elementos apresentados pelo almanaque são detentores de interesses não só comerciais, mas também se atém à venda do modelo de sujeito social, que consome produtos sofisticados, que frequenta o cinema e o teatro, na qual essas características irão categoriza-lo como “sujeito moderno”. O cinema é visto como demarcador de status social como podemos perceber na (figura 12). Sobre essas questões:

[...] faz-se a análise dos anúncios comerciais como indicativo dos produtos comerciais [...] em especial do clima empresarial prevalecente das relações capitalistas e da importância do consumo. [...] visava criar demandas e instituir um padrão de gosto, que buscava impor/fomentar o consumo sugerido que, afinal, ser moderno é ser consumidor. (MOTTA, 2010, p.257).

O cinema se conecta com o almanaque através de imagens de referências e representações cinematográficas contidas nele como podemos perceber nas imagens anteriores. Na venda de um modelo social e de comportamento. Sobre o consumo e comportamento, podemos perceber influências em algumas camadas sociais parnaibanas, a partir de elementos contidos no almanaque de 1928 observado pela pesquisadora:

“[...] era colocada à vista a necessidade de consumir novos produtos disponíveis no mercado, e adquirir novos saberes na utilização de produtos de higiene [...] beleza [...]” “O clima social à época [...] Um artigo assinado por um autor indignado, Francicco, registra os novos comportamentos femininos: a nova moda, o uso de maquiagem e os cortes de cabelo “masculino”” (MOTTA, 2010, p.257-283).

Na sociedade piauiense em algumas cidades, o uso de artigos de beleza, cosméticos, perfumes e produtos do gênero eram utilizados por muitas mulheres, como podemos notar na fala de Francisco, alguns desses produtos eram utilizados com frequência por um determinado público feminino parnaibano. Em um relato do ano de 1930, em um artigo intitulado “Uma surpresa desagradável para as mulheres” Jesus Medeiros fala sobre o poder nocivo de um dos produtos importados franceses que é pó de arroz, consumido por mulheres da sociedade teresinense, como também por parnaibanas, em que a autora fala de cuidados com o uso do produto, justamente por ter um expressivo consumo. O texto discorre:

Para as melindrosas da moda que, conforme a sagaz estatística de um observador de elegância e de frivolidades passa no rosto, por dia, 72 vezes o seu armínio com o pó de arroz, deve ser uma surpresa assás desagradável que estão correndo o perigo de adquirir uma doença grave. Isso,

simplesmente, devido o uso imoderado, o abuso do pó de arroz, o perfumoso pó branco [...] (ALMANAQUE, 1930, p.47).

Notamos que alguns desses produtos importados se faziam presentes nas casas comerciais em Parnaíba. Os franceses Jacob e os Ingleses Clark disponham de artigos da “moda” luxuosos na qual famílias abastadas da cidade eram seus maiores consumidores.

As filiais dessas casas francesas no Brasil foram estabelecidas, inicialmente, nas grandes cidades portuárias do Rio de Janeiro, Recife, Salvador e expandiram-se mais tarde para outras regiões do País. As principais mercadorias comercializadas por essas casas eram: tecidos “artigos de Paris”, relojoaria/ joalheria/ [...] chapelaria/sapatos, perfumes, [...] A casa inglesa começou seus negócios em Parnaíba [...] no início do século XX quando as lojas ofertavam produtos Europeus vindos principalmente de Liverpool e Amsterdã, eram sedas, linhos, perfumes, chapéus [...] (MOTTA, 2010, p.173-178).

Muitos dos estilos apresentados pelo cinema foram reproduzidos, ou por menos, inspiraram mulheres daquele período como podemos perceber na (figura 12). Em especial, eventos sociais e datas comemorativas muitas se apresentavam com novos vestidos, joias e penteados distintos, algo marcante em especial nas décadas de quarenta e cinquenta, podemos citar como exemplo local, as festas que aconteciam no Cassino 24 de Janeiro, na qual podemos notar sutis caracterizações.

Figura 13 –Mulheres da elite parnaibana em um baile carnavalesco no cassino 24 de janeiro.



Fonte: www.flickr/helderfontenele.br acesso: 15/06/2016.

Como podemos perceberna (imagem 13) fazendo um comparativo com as vestes e acessórios utilizados pelas atrizes das telonas, em Parnaíba ao acontecer eventos e solenidades como a exemplo do carnaval, muitas mulheres reproduzem esses estilos para estar dentro dos parâmetros no que condiz “a mulher moderna”. Em Parnaíba no período em que o comércio estava aquecido com o ramo do extrativismo, vários produtos eram exportados e importados, entre eles roupas perfumes, joias, relógios. As casas comerciais e demais estabelecimentos firmados na cidade articulavam tais transações, entre esses estabelecimentos esta a “Sapataria Moderna”.

Vendendo produtos inspirados na “moda” europeia desde a década de vinte onde com a chegada do cinema “tendências” foram sendo apresentadas de diversos lugares, em especial Europa e Estados unidos. Podemos perceber esses aspectos analisando esse fragmento do Almanaque:

[...] na atenção que o publico ia dando às nossas lindas coleções de peles – tivemos as primeiras encomendas cuja execução cuidadosa e artística conquistou-nos a preferência da elite. [...] belíssimas coleções de pelicas, vernizes, chromos, fantasias nos foram mostradas pelo sr. Odilio Neves que ia, ao mesmo tempo, chamando nossa atenção para a procedência dos mais afamados curtumes da Europa e da América, ultimas novidades lançadas recentemente no mercado. [...] verificamos diversos modelos verdadeiramente chics que vimos na vitrine [...] com arte, com perfeição, com stylo. (ALMANAQUE, 1929, p.63).

Figura 14 – Sessão de vendas e vitrines, vendo-se os sócios Odilio Neves e João Batista de Campos, com o estoque recheado de modelos e estilos de sapatos.



Fonte: Almanaque de Parnaíba – 1929

Os filmes que preencheram o imaginário de muitos parnaibanos na década de trinta e quarenta lançaram modos de vestir-se, em especial as musas dos musicais através das chanchadas¹³, assim como comportamentos, através dos corajosos personagens de faroeste, trazendo consigo através da arte uma carga simbólica interessante de valores e novos estilos de vida.

Falando das produções que fizeram parte do repertório apresentado no Cine Édén; “As chanchadas foram grandes sucessos no Édén. Os campeões de bilheteria eram as da Atlântida – [...] Oscarito, Grande Otelo, Eliana, [...] Depois vinham os cowboys – Gene Autry, Billy Elliot, Alan Rocky [...]”. (REBELO, (sd)) e ainda falando sobre esse gênero de produção cinematográfica que eram as chanchadas, Albuquerque nos diz: “A chanchada constituiu-se como gênero desde o fim dos anos trinta e surgiu da evolução dos chamados filmes revistas e dos filmes sobre o carnaval, realizados desde o início dessa década”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Como podemos observar na fala de Durval a chanchada é um gênero recheado de detalhes apresentando uma visão de requinte nas vestes, cenário e tudo mais que a compõe. A produção nacional inicia-se segundo Durval de forma não original, pois a própria chanchada marcou uma época, porém sua concepção foi baseada nas produções norte americanas da década de 1930.

A referência do exterior, em especial dos EUA, influência bastante na construção da imagem desse gênero, “de tipo importado” na qual a cultura e os elementos que compõe as chanchadas são tipicamente nos moldes estrangeiros, sobre isso:

A visibilidade do país e de seu povo elaborada pela chanchada é, no entanto, cheia de contradições e ambiguidades, que são características da carnavalização. Ao mesmo tempo em que se tenta ler o país e sua realidade a partir de modelos de tipo importado do cinema americano, ao fazê-lo deficientemente, de forma deliberada ou não, provoca um rebaixamento e uma relativização do próprio modelo e do tipo que se está tomando por referência. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.296).

¹³ A Chanchada foi um gênero de filme que teve seu auge entre as décadas de trinta e cinquenta. Elas eram comédias musicais, misturadas com elementos de filmes policiais e de ficção científica.

Figura 15 – Chanchada da Atlântida Cinematográfica meados da década de 1940



Fonte: <https://beneditacineclube.wordpress.com/tag/chanchada/> acesso: 15/06/2016

Muitas dessas produções eram vindas do Rio de Janeiro através da Atlântida Cinematográfica fundada em meados do final da década de trinta. Muitos dos filmes apresentados no Cine Teatro Éden eram comédias e paródias musicais que movimentaram e divertiram os espectadores. Entre eles o “Carlitos” referenciado no almanaque de Parnaíba de 1930 divulgado no texto como “Mytho solar” na qual marcou o cinema da época e tomou status de “astro”. Personagem cômico que por muito divertiu plateias do mundo inteiro, sujeito elegante nos moldes da moda masculina estrangeira, mas com peripécias de criança. Mexendo com o imaginário e o humor da plateia.

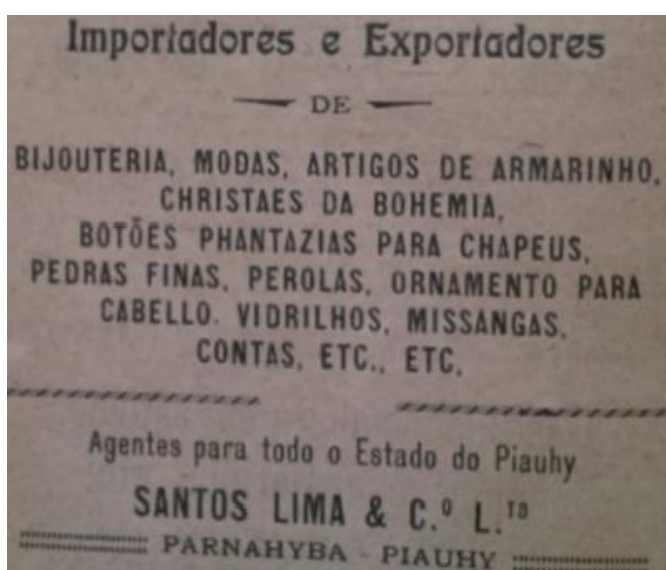
Figura 16 – Palhaço Carlito personagem de comédia norte americano, fez vários filmes em meados das décadas de 1920 e 1930.



Fonte: Almanaque de 1930.

O desenvolvimento comercial em especial o de importação, favoreceram o acesso a tais artigos por parte da elite, através das casas e representantes das “praças” estrangeiras, que forneciam variados produtos, desde joias a cigarros, podemos analisar tais divulgações desses artigos em várias páginas dos Almanques, na qual utilizarei o de 1927, que apresenta casas comerciais que “abastece” a burguesia consumista local com produtos semelhantes aos apresentados nas telonas:

Figura 17 – Anuncio referente à venda de artigos de luxo importados.

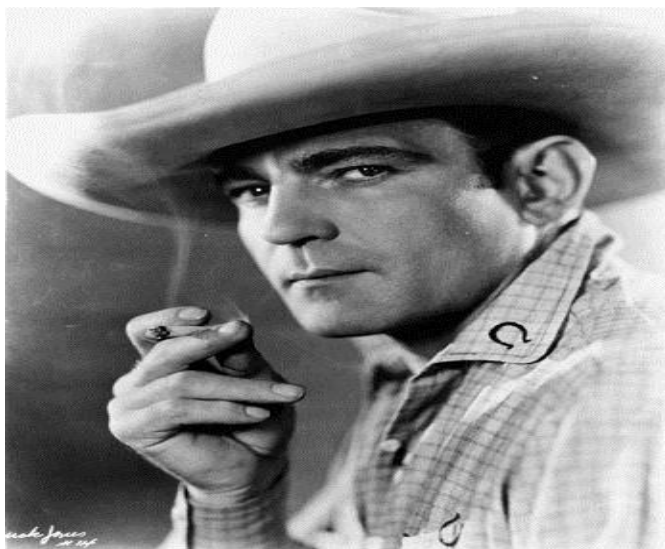


Fonte: Almanaque de Parnaíba - 1927

Os filmes reproduzidos na época apresentavam estilos de vida, produtos e serviços dos países estrangeiros responsáveis pelas produções cinematográficas, em especial EUA e alguns países Europeus. A cidade de Parnaíba em meio a esse contexto por dispor de muitas casas comerciais e representantes estrangeiros importava e fornecia para os consumidores da cidade uma variedade dos mesmos.

Entre eles está o cigarro, muito utilizado nos filmes de Westerns, de Cowboys com uma vida de aventura e cheia de perigos, esse era o estilo desses personagens, na qual o cigarro entre outros elementos fizeram parte da formação e composição desse personagem como podemos observar na imagem 18, o estilo e personalidade do elemento cowboy é marcado também por essa simples prática que é a de fumar, denotando uma singularidade do sujeito, na qual o objeto cigarro faz parte do todo que é absorvido pelos espectadores.

Figura 18 – Representação do cowboy fumando apresentado por um ator norteamericano, em meados da década de 1930.



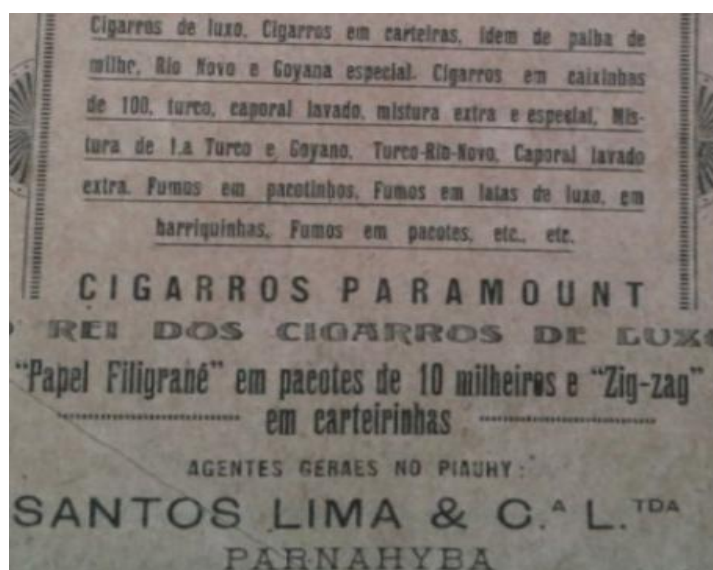
Fonte: <http://cultural/2013/04/uma-breve-historia-do-western.html>

Como podemos notar nos anúncios do Almanaque, um rol de elementos é apresentado nessas propagandas, entre eles a gama de acessórios de luxo como já observamos nos anúncios. Denotam o poder aquisitivo e marcação de status por parte do público alvo consumidor, e com o cigarro e o charuto não é diferente, utilizado em diversos filmes de faroeste e de romances policiais.

O tabaco não é utilizado apenas como forma de vício, ele também associa um status ao seu usuário, como podemos identificar na forma de divulgação do produto em questão na imagem a seguir retirada do Almanaque de Parnaíba de 1927, na qual apresenta para a população parnaibana, em especial a elite, da qual detém o poder aquisitivo para consumir tal produto oferecido como artigo de luxo pelas casas comerciais locais.

Na imagem 19 podemos observar tal fetichismo na apresentação do produto, onde o representante comercial expõe o cigarro como artigo de “luxo” oferecendo vários modelos de cigarros, em várias formas de embalagem pacotes entre outros. Coincidentemente a marca Paramount também é encontrada no cinema como Paramount Pictures, enfim, agora esse produto também é apresentado pelo cinema, na qual compõe a personalidade do personagem dos filmes de western, das telonas para os parnaibanos. Sobre isso:

Figura 19 – Anuncio da venda de cigarros importados de luxo Paramount



Fonte: Almanaque de Parnaíba – 1927

A economia global também reflete no cinema na qual é utilizado como espécie de vitrine para marcas, utensílios, artigos, entre outros diversos produtos expostos nas produções cinematográficas. Podemos analisar através da imagem anterior o fetiche com que o cigarro é apresentado, vendendo junto ao produto uma “elevação” de status que ele pode proporcionar ao sujeito, onde no cinema, identificamos tais práticas simbólicas.

Além do cigarro muitos outros produtos são utilizados pelo cinema comercial, na qual ele adquire essa característica por ser apresentado por grandes potências industriais/comerciais. O cinema rapidamente difunde-se para muitas partes do globo levando representações e referências culturais, de modelo social e econômico desses países “modernos” e industrializados. Com isso a cinematografia é difundida e passa a fazer parte do contexto de cada cidade a que ele penetra, tal como Parnaíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa sobre o Cine Teatro Éden abordou não só o cinema e suas produções em si, mas também expos a cidade de Parnaíba e o contexto social da época. Podemos analisar através dessa pequena produção o quanto o econômico determinou e influenciou no aspecto social, desde a formação e legitimação dos espaços físicos até as barreiras de cunho sociais tão evidentes na Parnaíba de outra época.

O cinema influenciou e influenciou até os dias de hoje como forma de inspiração dos mocinhos e bandidos dos bang – bang norte americanos, impôs um modelo de estética feminina adotada por mulheres de todo o mundo, em especial às senhoras/senhoritas pertencentes a uma classe social abastada da cidade de Parnaíba, utilizando produtos fornecidos pela Parnaíba do “mundo”, configurada pelas relações comerciais.

Durante os capítulos discorri sobre o desenvolvimento da cidade nas décadas de 1920 à 1940, sendo que no primeiro analisei Parnaíba nos seus aspectos de urbanização, remodelamento e modernidade. Ficou evidente a questão das incisões da elite formada por estrangeiros e empresários do ramo extrativista em montar uma infraestrutura adequada para as demandas comerciais, e em contrapartida a “cidade paralela”, que pouco ou nada era beneficiada com os atributos desse desenvolvimento econômico.

Na sequência do texto no segundo capítulo, observou-se o engatinhar das representações cinematográficas na cidade de Parnaíba no início do século XX, firmando-se posteriormente na década de 1920 através da casa de espetáculo Cine Teatro Éden e outras que surgiram depois. Nessa parte notou-se uma relação que ao longo do tempo consolida-se, falo do Cine Teatro Éden e Parnaíba. O cotidiano, as festas e as comemorações, fizeram parte do dia-a-dia do Éden, tornando-se um lugar social e de sociabilidades importante no cenário da cidade na primeira metade do século XX. O cinema também se atrela ao contexto comercial de imposição de modelos consumo e comportamentos graças ao grande raio de alcance dessa ferramenta para as “massas” onde, molda mentalidades e constrói sujeitos.

No último momento da pesquisa, no terceiro capítulo, abordei o cenário de representações a que o Cine Teatro Éden foi atribuído. A ótica utilizada para tal análise foi à econômica-social, pois cada sujeito ocupa um lugar social e de referências importante de ser visto, isso atrelado ao momento econômico em que parte da cidade respirava, em que muitos produtos apresentados na telona eram encontrados em casas comerciais da cidade através das

importações. Algumas das produções cinematográficas apresentadas no Éden como foi exposto, serviram de referência e influenciaram muitos parnaibanos, no modo de vestir-se, em comportamentos, na aquisição de produtos, na qual cinema e cidade dialogam.

A pequena contribuição a que atribuo a minha pesquisa na historiografia parnaibana concerne em mostrar a importância que o Cine Éden teve para a cidade, independente de qual seja sua representação, se do rico ou do pobre, ele enriqueceu as tardes/noites da cidade. Envolto a vários elementos ele fez parte do cotidiano de gerações que se deleitavam com seus filmes e produções teatrais depois da missa, conversando, bebendo e comendo algo antes da sessão da noite. Esses são alguns pontos de destaque que fizeram parte do contexto em que o Éden estava inserido, na qual discorri e busquei abordar todo esse panorama em que o cinema marcou época em uma Parnaíba tão dividida.

REFERÊNCIAS

Teses, Dissertações e Artigos

BARBOSA, Nathan Pereira. **Práticas historiográficas no interior do Ceará: memorialistas e cronistas**. XXVII Simpósio Nacional de História. UECE, 2013.

CAMILOTTI, Virgínia. NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura: Fontes literárias na Produção Historiográfica no Brasil**. História: Questões e Debates, Curitiba, n 50, p.15-49, jan. 2009. Ed. UFPR.

CERQUEIRA, YasminieMidlej Silva Farias. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea.**/ YasminieMidlej Silva Cerqueira. – Natal, RN, 2013.

MOURA, Francisco Miguel de. 1933 – Bar Carnaúba: ex – santo da casa. Teresina. Fundação Universidade Federal do Piauí, 1983. p.110

QUEIROZ, Terezinha de J. Mesquita. **A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 – 1920**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.

QUEIROZ, Teresinha de J. Mesquita. **Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas e Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **As diversões civilizadas em Teresina: 1888-1930**. Teresina: FUNDAPI, 2008.

SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o Aveso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930 – 1950)** / Josenias dos Santos Silva. – Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Memórias Parnaibanas: narrativas de sociabilidades entre as décadas de 1930 a 1950**. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Natal – RN, julho de 2013.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)** / Mary Angélica Costa Tourinho. – Assis-SP: UNESP, 2015.

VASCONCELOS, José Antonio. **História, Ética e Discurso Memorialista**, XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011.

Livros

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1995.

BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Confiança e medo na cidade** / ZygmundBauman; tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BACZKO, Bronislaw. “**Aimaginação social**” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BRANCO, Renato Castelo. **Tomei Um Ita no Norte: memórias**. 1 ed. L R Editores Ltda. São Paulo, 1981.

BRASIL, Assis, 1932 – **A chave do amor e outras histórias piauienses** / Assis Brasil. – Rio de Janeiro: imago Ed., 2007. 344 pp.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNADET, Jean – Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria na prática**. In ORTIZ.Renato org. Pierre Bourdieu.São Paulo, Ática, 1994.

BRESCIANE, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5 ed. Brasiliense: São Paulo, 1989.

CALVINO, Ítalo, **As Cidades Invisíveis**. Ed. Biblioteca Folha, Osasco, São Paulo, 2003.

CASTRO, Rozenilda. **História do teatro em Parnaíba: 1898 a 1999** / Rozenilda Castro – Parnaíba: 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª edição, Memória e Sociedade, Ed. Difel, Portugal, 2002.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Revista das revistas, Estudos Avançados, 11 (05), 1991.

CIDADE, **História e Desafios** / Lúcia Lippi Oliveira, Organizadora. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002. 295 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba - Cidades Beiras: (1850 – 1950)** / Gercinair Silvério Gandara – Teresina: EDUFPI, 2010 400p.:il

HALL, Stuart. **A Identidade cultural da pós-modernidade**. Ed. 10, DP&A editora, 1987.

História do cinema mundial/Fernando Mascarello (org.). - Campinas, SP: Papyrus, 2006. - (Coleção Campo Imagético).

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios, 1875 – 1914** / Eric J. Hobsbawm – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. RANGER, Terence. (Org). **A invenção das tradições**, (coleção pensamento crítico; v 55), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.]—Campinas, SP Ed. Da UNICAMP, 1990. (coleção repertórios).

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A Cidade Sob o Fogo – Modernização e Violência Policial em Teresina (1937 – 1945)**. Teresina: FCMC, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, (10), Dez. 1993.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda, CHALOUB, Sidney (orgs.). **A história contada: capítulos de história social de literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (coleção histórias do Brasil).

POLLAK, Michel, **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, p. 3-15, 1989.

FILHO, Alcenor Candeira. **Projeto Petrônio Portela – FUNDEC**, Ed. Avant Gard Comunicação - COMEPI: Teresina – PI.

REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga**. Rio de Janeiro: ADOIS, (s.d).

Periódicos

ALMANAQUE DA PARNAÍBA – 1927, 1929, 1930, 1932 – 1933, 1974.

LIVRO DO CENTENÁRIO DE PARNAÍBA, 1944.

II plano de desenvolvimento econômico e social do Piauí: 1980/83. Governo: Lucídio Portela.

SANTOS, Benjamim. **Saudação à memória do Éden.** In: Jornal Terra Norte. Parnaíba, 19 de outubro de 2004.

Sites

<https://beneditacineclube.wordpress.com/tag/chanchada/>

http://lounge.obviousmag.org/polimorfismo_cultural/2013/04/uma-breve-historia-do-western.html

www.https.adn10especial.blogspot.com.br

www.parnaibadasantigas.com

www.helderfontinele.com

www.flickr.com/helderfonteneleparnaibaantigacapitaldodelta.com

www.flickr.com/helderfontenele

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Paramount_Pictures.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paramount_Pictures)